

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Marta Tolaini Rosmaninho

**ESTÁGIO VIVENCIAL EM OFICINA DE CRIATIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES
PARA A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO.**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Marília Ancona-Lopez.

São Paulo

2015

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora:

DEDICATÓRIA

À Marcella, por todos os anos de amor, confiança e dedicação!
Aos nossos filhos, Gabriel e Gregório, por nos trazerem força e alegria para
continuar...

AGRADECIMENTOS

À Marília Ancona-Lopez, por todo o carinho e pelo cuidado desde o nosso primeiro encontro. Nossos destinos se cruzaram inesperadamente e o tempo mostrou nossas afinidades, inclusive, na magia da maternidade gemelar!!!

À Marisa Forghieri, por todo o carinho, pela atenção e pelas contribuições no exame de qualificação.

À Beth Montagna, por acompanhar diferentes etapas do meu desenvolvimento acadêmico, por toda a disponibilidade e pelas contribuições no exame de qualificação.

À Silvia Ancona-Lopez e Marina Boccalandro por aceitarem o convite de compor à banca.

À Roni Ribeiro e Marlise Bassani por aceitarem o convite de serem os examinadores suplentes.

Aos colaboradores que se dispuseram a remexer memórias, compartilhar suas intimidades comigo e fornecer conteúdos para a pesquisa. Sem eles esta não seria possível.

Aos meus queridos alunos, que se entregam e se arriscam no estágio de Oficina de Criatividade: vocês são a inspiração para este trabalho.

À Gal, que amorosamente cuida dos meus filhotes para que eu tenha paz e possa me dedicar ao meu trabalho.

Ao Nichan Dichtchekenian, por todo o suporte profissional desde o início da minha jornada como psicóloga.

Ao Paulo Evangelista, por todo o apoio, incentivo, carinho e confiança na minha vida como docente.

À Graciela Rosenthal, por sua disponibilidade afetiva em me acolher e me compreender nos momentos mais difíceis e cruciais da minha vida.

Às minhas queridas amigas, Carol Bianchi e Simone Burse, por estarem ao meu lado oferecendo suporte e compreensão.

Aos meus pais, Angela e Jorge, por todo suporte e amor.

À minha irmã Raquel, que se mantém ao meu lado, contribuindo para meu crescimento.

Ao Rodrigo Ribeiro Frias, por toda a gentileza e pela disponibilidade em revisar meu texto.

Ao CNPq, por me conceder uma bolsa de estudos para viabilizar esta pesquisa.

RESUMO

ROSMANINHO, Marta Tolaini. **Estágio vivencial em Oficina de criatividade: contribuições para a formação do psicólogo**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2015, 72f.

Esta tese visa compreender, em uma abordagem fenomenológica e a partir da visão de ex-alunos, as contribuições que o estágio vivencial traz para a formação do Psicólogo e para a prática profissional. Foram realizadas entrevistas semi-abertas com quatro colaboradores que cursaram o estágio vivencial em Oficina de Criatividade durante o seu curso de graduação em Psicologia e que estavam formados há entre dois e cinco anos. As análises das entrevistas seguiram as propostas metodológicas da fenomenologia, tendo como suporte conceituações apresentadas por Merleau-Ponty. As análises possibilitaram compreender que o estágio vivencial em Oficina de Criatividade oportunizou espaço para a ampliação da compreensão de si e do outro, o que favoreceu o autoconhecimento dos psicólogos. As aprendizagens de cunho pessoal e relacional se refletiram na prática profissional dos colaboradores na área da Psicologia.

Palavras-chave: Psicologia, Formação do Psicólogo, Criatividade.

ABSTRACT

ROSMANINHO, Marta Tolaini. **Experiential stage in creativity workshop: contributions to the psychologists' formation.** Doctoral thesis. Post Graduate Program in Clinical Psychology. Pontifical Catholic University of São Paulo, SP, Brazil, 2015.

This thesis aims to understand, in a phenomenological approach and from the alumni point of view, the contributions that the experiential stage brings to the formation of the psychologist and to the professional practice. Semi-open interviews were held with four psychologists, who attended the experiential Creativity Workshop before graduation in Psychology and are graduated between two and five years ago. The interviews analysis followed the methodological proposals of phenomenology, supported by concepts presented by Merleau-Ponty. The analysis made it possible to understand that experiential Creativity Workshop provided an opportunity to expand the understanding of self and other, which favored the self knowledge of the psychologists. The learning of personal and relational nature reflected in the professional practice in Psychology.

Keywords: Psychology, Psychologist Formation, Creativity.

RÉSUMÉ

ROSMANINHO, Marta Tolaini. **Stage expérientiel à l'Office de créativité : contributions à la formation du psychologue**. Thèse de Doctorat. Programme de Troisième Cycle en Psychologie Clinique. Pontificia Universidade Catolica de São Paulo, SP, Brésil, 2015.

Cette thèse a pour dessein de comprendre, sous un angle phénoménologique et à partir de la vision d'anciens étudiants, les contributions que peut apporter le stage expérientiel à la formation du psychologue ainsi qu'à sa pratique professionnelle. Des entretiens semi-ouverts ont été réalisés, avec quatre collaborateurs qui ont suivi le stage expérientiel à l'Office de créativité pendant leurs cours de licence en Psychologie, et dont la formation a eu lieu il y a entre deux et cinq ans. Les entretiens ont été analysés selon les principes méthodologiques de la phénoménologie, en s'appuyant sur les conceptions présentées par Merleau-Ponty. Les analyses ont permis de comprendre que le stage expérientiel à l'Office de créativité a créé un espace d'amplification de la compréhension de soi et de l'autre, ce qui a favorisé l'Auto-Connaissance des psychologues. L'étude des caractéristiques personnelles et relationnelles s'est reflétée dans la pratique professionnelle des collaborateurs dans le domaine de la Psychologie.

Móts-clés: Psychologie, Formation du Psychologue, Créativité.

SUMÁRIO

Introdução	1
Capítulo 1 - Referências teóricas	7
Capítulo 2 - Oficina de Criatividade	15
2.1 – O estágio de Oficina de Criatividade em um curso de graduação em Psicologia	18
Capítulo 3 – O caminho metodológico	27
3.1. Objetivo	27
3.2 Percurso inicial	27
3.3, O caminho percorrido	28
Capítulo 4 – Murilo	31
4.1. Análise da entrevista com Murilo	38
Capítulo 5 –Nair	42
5.1 – Análise da entrevista com Nair	47
Capítulo 6 –Luana	51
6.1 – Análise da entrevista com Luana	56
Capítulo 7 – Kátia	60
7.1 – Análise da entrevista com Kátia	64
Conclusão	67
Referências	71
Anexos	73
Anexo I– Roteiro para a entrevista	74
Anexo II – Transcrição de Entrevista	75

INTRODUÇÃO

O exercício profissional do psicólogo exige habilidades que vão além do conhecimento de teorias e técnicas psicológicas (ROSMANINHO, 2010). O processo de construção da identidade profissional do psicólogo se dá pelo menos em duas dimensões distintas: a consolidação dos conhecimentos teóricos e técnicos oferecidos pela academia e o desenvolvimento de uma atitude ativa, reflexiva, ética e responsável. Neste processo o aluno constrói o seu modo próprio de ser psicólogo.

Em minha dissertação de mestrado (ROSMANINHO, 2010) mergulhei no processo de tornar-me psicóloga e identifiquei a contribuição da prática de meditação para conseguir estar presente com o cliente no encontro terapêutico em uma atitude de suspensão, ou seja, deixando de lado meus pensamentos pré-concebidos e meus pré-conceitos, conseguindo vivenciar a proposta de suspensão fenomenológica para estar presente nesse encontro. Assim, afirmei que o autoconhecimento é “uma tarefa necessária para que um psicólogo clínico exerça sua profissão com competência e ele é estimulado durante a graduação na sugestão, por parte dos professores, que seus alunos procurem alguma forma de psicoterapia” (p. 91).

Apesar dessa sugestão, observo que nos cursos de graduação são poucas as possibilidades para que o aluno volte-se para si mesmo e desenvolva um olhar reflexivo sobre si. Porém, como docente de um curso de graduação em Psicologia em uma universidade particular em São Paulo, tive a oportunidade de supervisionar a área de estágio “Oficina de Criatividade” (a partir de agora denominada OC), que é oferecida no último ano da graduação. Esta atividade possui algumas peculiaridades no que diz respeito aos seus objetivos e recursos pedagógicos. Ela foi desenvolvida por Cupertino (1995, p. 12):

De acordo com a autora, a Oficina de Criatividade visa estabelecer um espaço para que os alunos pudessem dirigir o olhar para si mesmos, ao longo dos difíceis anos de iniciação profissional, por meio da vivência em um campo que considero como desencadeante de experiências. E para que pudessem, de alguma forma, consolidar essa ‘atitude

experimentadora' como condição básica para o trabalho, presente ou futuro, que viessem a desenvolver.

É uma atividade, portanto, que busca, entre outros, auxiliar o futuro profissional no desenvolvimento da percepção de si, no reconhecimento de seu percurso pessoal e na sensibilização dele no trato com o outro. O estágio em OC visa, também, contribuir para o desenvolvimento da postura necessária para uma atuação responsável e ética nos psicólogos em formação, na medida em que facilita o reconhecimento de características pessoais que se farão presentes na sua vida profissional, independente da área de atuação.

Este aspecto importante da formação do psicólogo, o desenvolvimento de uma atitude de responsabilidade, embora relevante, é pouco focalizado nos cursos universitários. Geralmente espera-se que tal atitude seja desenvolvida fora do espaço acadêmico, em processos psicoterápicos, apesar dela já ser considerada necessária quando o aluno atua, nos diferentes estágios do curso. Apesar de se reconhecer que uma atitude responsável é indispensável para a formação do psicólogo, raramente encontra-se, nos currículos, uma atividade de estágio que tenha como foco o seu desenvolvimento.

Sobre os estágios, em uma visada fenomenológica, Sá (2010) coloca:

Compreender a diferença entre “falar da realidade em si” e “falar sobre a nossa experiência da realidade” implica necessariamente em algum grau de “des-identificação” com respeito ao naturalismo ingênuo em que permanecemos presos a maior parte do tempo.

(...) não acreditamos ser eficaz nesse contexto uma simples exposição teórica da atitude fenomenológica; é necessário que o próprio estar-no-mundo-com-o-outro propiciado pelo grupo forneça o espaço de abertura necessário para um movimento de desapego em relação aos preconceitos que determinam os limites de nossa experiência cotidiana. (SÁ, 2010, p. 136).

Embora Sá esteja se referindo aos estágios de atendimento em psicoterapia, a conquista de uma postura de não-saber diante do outro, embora possa causar desconfortos, é desejável para o psicólogo em qualquer exercício de sua profissão. Esta postura só é alcançada mediante uma atitude reflexiva sobre o próprio fazer profissional.

Sabemos das especificidades do trabalho do psicólogo e da importância do desenvolvimento da capacidade de estar com o outro, considerando o mundo dele e, ao mesmo, em contato consigo, suspendendo os julgamentos prévios que possam surgir no encontro, para poder compreender aquele que busca ajuda psicológica. Esta suspensão dos próprios valores para se aproximar do outro não

acontece separada de uma reflexão sobre si. A capacidade de estar com o outro não se alcança apenas teoricamente: é necessário vivenciá-la e desenvolver a maneira de estar diante da outra pessoa. O autoconhecimento do psicólogo é, portanto, fundamental para a sua formação profissional.

Um dos recursos para preencher o hiato entre o pensar e o agir é a supervisão, oferecida nos cursos de graduação, visando cuidar do “fazer” psicologia. As supervisões oferecidas na graduação acompanham a prática profissional do futuro psicólogo, incentivam a compreensão sobre a sua pessoa e contribuem para que o senso de responsabilidade e ética do estagiário seja abordado em ação. Este espaço tem ainda a função de facilitar o amadurecimento do profissional e, assim, contribuir para a qualidade da sua futura atuação.

Sobre este tema, Ostronoff (2008) afirma que

a tarefa do supervisor é estar disponível para as alteridades, o que é tarefa complexa, já que em supervisão se apresentam, e muitas vezes se confundem e misturam, as subjetividades de estagiários e participantes das oficinas. (OSTRONOFF, 2008, p. 91).

Sá (2010), em outro contexto, enfatiza a importância da necessidade de autoconhecimento para um fazer clínico/psicológico, Sá (2010) afirma:

Desenvolver a disponibilidade para habitar o próprio caminho, para envolver-se, aqui e agora, de modo singular, na relação com o outro que nos vem ao encontro, é o objetivo principal do estágio supervisionado sob o enfoque fenomenológico.

Se a atitude fenomenológica é intuitiva, no sentido de se ater ao imediato dar-se das coisas a partir de si mesmas, tal possibilidade é sempre mediada por um esforço paciente e um treinamento persistente do tipo de atenção que diferencia a mera representação que temos das coisas da presença mesma que se dá à experiência.

Por outro lado, devemos sublinhar que, apesar de não ser própria da atitude natural, a atenção reflexiva ou meditativa, proposta pela atitude fenomenológica, não demanda nenhuma espécie de qualidade privilegiada de seus praticantes (SÁ, 2010, p. 139).

Nesta direção entendo que o estágio vivencial de OC é uma oportunidade para os alunos voltarem o olhar para si e poderem experimentar, no contexto educacional, a atitude fenomenológica de voltar-se para a outra pessoa, suspendendo seus valores prévios.

Ao escrever sobre os saberes privilegiados na formação acadêmica de psicólogos, Cupertino (2001) destaca:

Vimos o quanto os discursos teóricos se constituem no veículo por excelência do conhecimento na metafísica, colocando o mundo diante

de nós para cálculo e manipulação, através da representação. Exploramos ao mesmo tempo a possibilidade de instituição de uma outra fala, que nasce da ruptura com os modos cotidianos de interpretar o mundo e que institui um trânsito para o que, nele, se mantém como enigmático, não para representá-lo, mas para dirigir o nosso olhar e nossa escuta para aquilo que pode se mostrar como surpresa, como o que contraria as nossas expectativas. (CUPERTINO, 2001, p. 205).

Um grande desafio para os supervisores no curso de graduação em Psicologia é poder abordar e aprofundar, nos limites adequados à supervisão, os aspectos pessoais dos estagiários. Os estágios em OC, em um primeiro momento, constituem-se como um espaço facilitador que convida os alunos a reconhecerem seus percursos e integrá-los à sua existência e, posteriormente, ao seu modo de ser psicólogo. É um convite para que os estudantes conquistem seu idioma pessoal. Com o estágio vivencial em OC o estudante pode não apenas se deparar com suas questões pessoais, mas terá a possibilidade de enxergar o outro reflexivamente e experimentar a troca, desenvolvendo um olhar compreensivo. Espera-se que essa experiência possa ressoar na sua prática futura como psicólogo.

Sobre este tema Figueiredo (1993) coloca:

A atividade profissional do psicólogo requer uma *incorporação* dos saberes psicológicos às suas habilidades práticas *de tal forma* que mesmo o conhecimento explícito e expresso como *teoria* só funciona enquanto *conhecimento tácito*; o conhecimento tácito do psicólogo é o seu saber de ofício, no qual as teorias estão impregnadas pela experiência pessoal e as estão impregnando numa mescla indissociável; este saber de ofício é radicalmente pessoal, em grande medida intransponível e dificilmente comunicável. (Figueiredo, 1993, p. 91. Grifos do autor).

Nesse sentido o estágio em OC possibilita vivências que sensibilizam os alunos e contribuem para a construção de um modo de ser profissional ético e responsável, assim como para o desenvolvimento de um olhar pessoal, e facilita a apropriação dos saberes teóricos e técnicos adquiridos no curso de Psicologia e o autoconhecimento. Afinal, a formação do psicólogo constitui-se a partir de três pilares: o aprendizado teórico, a supervisão e a psicoterapia pessoal do próprio psicólogo. Não é possível hierarquizar estes pilares: eles se interpenetram, sendo que a supervisão é particularmente importante no curso da formação profissional. Mesmo havendo continuidade e aperfeiçoamento desses pilares ao longo da vida profissional, é na graduação que o processo de formação tem início e eles podem ser apresentados, evidenciados e reconhecidos pelos estagiários. Por essa razão é importante que nos

debruçemos sobre esta prática para compreender melhor os seus efeitos na formação dos psicólogos.

Bondía (2002) enriquece esta discussão ao apresentar desdobramentos da palavra “experiência”. Ele afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (p. 21). Insiste que no mundo atual as experiências estão cada vez mais escassas, pois estamos habituados a associar o saber da experiência com o saber da informação; em seguida afirma que “a experiência é cada vez mais rara por excesso de opinião” (p. 22).

Esta concepção nos aproxima da dificuldade que observamos nos alunos de se despirem de seus próprios valores e visões para se aproximar do outro. A postura de saber das coisas, tendo opiniões formadas e informações do mundo, é reafirmada e valorizada ao longo da graduação e, no momento em que os alunos se aproximam da abordagem fenomenológica, eles vivem um conflito entre o encantamento pela concepção de homem e mundo oferecida pela psicologia fenomenológica e a dificuldade de se apropriarem de um modo de estar no mundo consonante com os pressupostos fenomenológicos.

Para alcançar uma postura que permita o acesso às experiências que descreve, Bondía (2002) versa sobre o sujeito da experiência, atribuindo a ele uma conotação de território de passagem. Assim,

(...) o sujeito da experiência é sobretudo um espaço onde têm lugar os acontecimentos.

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDÍA, 2002, p. 24).

Associamos a conceituação de experiência descrita acima a uma postura desejável diante do outro para o exercício profissional do psicólogo. Assim, a possível contribuição das OC para a formação decorre, segundo Ostronoff (2008), de elas possibilitarem

(...) um espaço/tempo propiciador de elaboração de experiências individuais e coletivas, através do uso de recursos expressivos os mais diversos. Tais recursos são utilizados como suportes, por meio dos quais pode emergir o novo, e a singularidade de cada participante se revela. Assim, a produção de algo (seja um desenho, uma colagem ou um texto, por exemplo) não é o objetivo final, mas um meio para re-

conhecer-se e ao outro. (...). Poder falar de si, ouvir-se falando e ouvir comentários de outros a respeito de si próprio; tecer comentários a respeito da produção do outro, e ouvi-los dos outros ao mostrar a sua própria; tudo isso pode propiciar um sentimento de pertença social e de saída da solidão, ao mesmo tempo em que abre espaço para o reconhecimento da alteridade. (OSTRONOFF, 2008, p. 77-78).

Halpern-Chalom (2008) corrobora a importância de oferecer o estágio vivencial em OC para futuros psicólogos ao afirmar que

propicia aos alunos a possibilidade de refletir sobre vivências e processos psicológicos a partir da experiência compartilhada em sala e vivida por eles. Ultrapassando a discussão teórica, possibilita a apropriação de um fazer psicológico conectado à reflexão de experiências existenciais e interpessoais, tão importante à prática profissional do psicólogo. Pois, como diz Cupertino (2001:16) “nossa prática depende, em grande medida, daquilo que somos, além daquilo que sabemos”. (HALPERN-CHALOM, 2008, 2002, p. 39).

Nesse sentido a OC pode ser compreendida como uma estratégia educacional que permite o acesso e o cuidado de emoções e modos de ser que contribuem para a formação do psicólogo e para a apropriação dos conhecimentos acumulados no decorrer do curso. Oferece aos alunos uma oportunidade de mudança de ponto de vista ao experimentarem uma condição de sujeitos da experiência, como o conceituado por Bondía.

Figueiredo (2004) corrobora a importância de atividades desta natureza:

(...) abrir no curso da ação o tempo da indecisão, o do adiamento da ação, tempo em que podem emergir novas possibilidades de escutar e falar. Para tal, porém, é necessário que a teoria esteja “agindo em silêncio” e de forma a “fazer silêncio”, aquele silêncio que é a condição primeira de uma verdadeira escuta do novo. (...). (FIGUEIREDO, 2004, p. 125. Grifos do autor).

Desde sua criação e inserção na grade curricular de uma universidade particular alguns estudos foram feitos, todos visando apresentar esta prática e compará-la com as formas mais usuais de ensino (CUPERTINO, 1995, 2001; FORGHIERI, 1995, 2003). Outros trabalhos focalizaram o seu uso por parte dos alunos em diferentes contextos (CUPERTINO, 2008).

Diante do exposto a relevância desta tese se justifica porque não há estudos que abordem o lugar que essa experiência ocupa depois do curso e como ela se integra, ou não, no exercício da profissão. Esta pesquisa visa preencher esta lacuna, compreendendo as ressonâncias profissionais de cursar esta atividade vivencial, a OC, no âmbito acadêmico.

CAPÍTULO 1 - REFERÊNCIAS TEÓRICAS

A Psicologia inclui no seu arcabouço teórico, independentemente da abordagem escolhida, padrões e referências para se compreender o humano. Apesar da sistematização e da conceituação necessárias para a estruturação do conhecimento psicológico, todas essas referências norteiam em parte o trabalho do psicólogo, que no dia-a-dia, na prática, está muito associado a um fazer artesanal que ultrapassa as referências teóricas. Para Sapienza (2004)

Neste contexto, artesanal indica a diferença do “industrializado”, do padronizado, do que se torna generalizado – como as teorias são generalizações -, feito para alguém que não sabemos quem será. Nosso trabalho é destinado a cada um. (SAPIENZA, 2004, p.19-20).

Assim, a cada situação ou conhecimento sobre a pessoa envolvida faz-se necessário compreender singularmente essa pessoa e o modo como vive seu mundo. Diante da fluidez do existir e dos diferentes significados atribuídos às suas vivências, é importante que os psicólogos sejam capazes de agir de modo criativo e sintonizado com as especificidades de cada situação e pessoa. Esta postura decorre do desenvolvimento profissional e pessoal do psicólogo, que possibilita que ele acesse o mundo do outro. O desenvolvimento pessoal ocorre paralelamente à aquisição dos conhecimentos teóricos e técnicos e é importante, pois o psicólogo não deve ser apenas um aplicador de teorias e técnicas, mas, sim, um agente capaz de perceber a si mesmo, ao outro e ao mundo.

Nesse sentido é importante que o psicólogo desenvolva a capacidade de estar presente, em contato com o aqui-agora, consigo mesmo, atento à relação eu-com-os-outros. Estas capacidades devem ser desenvolvidas pelo estudante de psicologia para que se torne um psicólogo sensível ao outro, capaz de compreender a outra pessoa e o seu mundo a partir do olhar dela.

Poucos são as condições e os conteúdos ofertados durante os cursos de graduação em Psicologia que focalizam o desenvolvimento de capacidades pessoais para uma escuta diferenciada, ferramenta importante para o trabalho psicológico. Os estudantes dos cursos de Psicologia, nos anos iniciais da formação, geralmente entram em contato com as teorias e as técnicas da área e apenas no momento de sua prática percebem a lacuna que existe entre o conhecimento psicológico e a sua prática efetiva.

A compreensão fenomenológica de homem e de mundo evidencia como os processos pessoais são vividos em uma dimensão compartilhada, sendo que os sentidos se constituem na originalidade de cada encontro, com o outro, consigo mesmo e com o mundo.

O enfoque da abordagem fenomenológica refletido na Psicologia Humanista e na Gestalt, entre outras, traz de modo radical a importância de se compreender o outro a partir das referências do próprio indivíduo, incluindo o mundo em que ele está inserido. A prática apoiada nesse enfoque mostra-se desafiadora, pois exige do futuro psicólogo um profundo conhecimento de si, além de um repertório amplo para poder olhar e compreender o outro. O homem, para a fenomenologia, é um ser-no-mundo, e isso implica a impossibilidade de homem e mundo existirem separados.

Merleau-Ponty (1945/1999) afirma:

O mundo fenomenológico é não o ser puro, mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de umas nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam sua unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 18).

Para Merleau-Ponty o mundo não é uma entidade já dada e encerrada em si mesma, mas se realiza por meio dos sentidos que emergem no encontro entre homem e mundo. Merleau-Ponty inclui na sua concepção de mundo o outro, alguém diferente de mim e que, tal como eu, vive e realiza o mundo. Isto indica a necessidade de relativizar o mundo como aquele percebido e experienciado por cada um, exigindo uma abertura para o surgimento de diferentes mundos, considerando os múltiplos sentidos possíveis em cada situação.

Ao conceber o mundo Merleau-Ponty refere-se ao mundo que percebemos. Ele fala da “mundanidade do mundo”, ou seja, do mundo em sua facticidade. Entramos em contato com o mundo fático, e isso é inevitável, porém o mundo fenomenológico se constitui como um encontro entre cada um e o mundo fático, pois o mundo fático, apesar de sua concretude, adquire diferentes significados para diferentes pessoas, em consonância com as suas histórias pessoais. Acessamos, portanto, apenas o mundo como o percebemos, pois não é possível acessar o mundo em si mesmo. Em outras palavras, o mundo que nos é dado,

que se apresenta a nós, é sempre o mundo para alguém que o significa. Esta implicação faz com que o mundo seja “aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p.14).

A concepção fenomenológica de mundo oferece diversos desdobramentos à prática do psicólogo. Uma das principais implicações é a concepção da coexistência de diferentes visões para se considerar cada ação ou expressão. O mundo se oferece como possibilidades múltiplas e a compreensão do psicólogo não se sustenta quando é considerada como a melhor ou como a única possível. Há a necessidade de uma compreensão ampliada, um esforço do psicólogo para sair de suas próprias concepções e se aproximar das diferentes concepções possíveis ou daquelas que são manifestas pelo outro com quem se encontra.

É importante considerar também a dinamicidade e o fluxo constante de criação de significados para as situações já vividas e para aquelas projetadas no futuro. A história de cada um é constantemente revista, ressignificada, reescrita. Esse fluxo não se apresenta como uma fragilidade do mundo fenomenológico, por não ser estável, mas é a sua própria determinação. Funda a possibilidade de ressignificação da experiência no atendimento psicológico e consequentemente da abertura do paciente a novos caminhos.

Apesar da postura fenomenológica diante do outro ser crucial para o trabalho do psicólogo, o seu aprendizado não pode ser oferecido apenas pela transmissão de conhecimentos teóricos e pelo treinamento de técnicas. Merleau-Ponty discorre longamente sobre a concepção mecanicista do homem e a concepção fenomenológica com o intuito de contrapor-las. Ele apresenta, explica e exemplifica o mecanismo fisiológico do ver, do ouvir e do sentir. Mostra que a percepção não decorre apenas das informações transmitidas pelos órgãos do sentido, pois se assim fosse todos perceberiam as mesmas coisas diante de um mesmo estímulo. Isso não acontece, pois a percepção se dá sempre em uma consciência que a significa.

Assim, para Merleau-Ponty (1945/1999):

A psicologia e a fisiologia não são mais, portanto, duas ciências paralelas, mas duas determinações do comportamento, a primeira concreta, a segunda abstrata. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 31).

Merleau-Ponty aponta para a dupla determinação do homem - mundo concreto e mundo vivido - e mostra que uma flor vermelha é percebida simultaneamente como espécie flor, cor vermelha, com caule etc., mas também é a flor que ganhei no aniversário, na formatura, ou mesmo aquela que levou a pedir desculpas ou a dar adeus. Ou seja, o sentido não está no objeto fático do mundo. Embora as determinações concretas façam da flor uma flor, a percepção e a compreensão da flor incluem as memórias afetivas e pessoais que compõem a história de quem a vê. Este exemplo ilustra a articulação entre o mundo fático e o mundo percebido.

Ao associar a Psicologia a uma ciência concreta e a Fisiologia a uma ciência abstrata, Merleau-Ponty visa frisar que a ciência concreta é a ciência do homem, que entra em contato com um mundo já dado e o observa e o transforma segundo sua visão, sendo possível acessá-lo apenas por meio da descrição. Já a Fisiologia, ao generalizar os processos fisiológicos, como ver e ouvir, aponta para uma ciência abstrata, pois essas são generalizações do funcionamento do corpo humano. Ou seja, independentemente do sentido dado a uma experiência, a dimensão fisiológica apenas capta e explica como determinado estímulo chegou ao aparato cerebral, cindindo o objeto percebido do sentido da sua existência para quem o objeto se faz presente.

Merleau-Ponty mostra também como elementos do mundo fático, ao serem percebidos, adquirem significados que não estão contidos nele, e como estes significados exercem a função de conhecimento. Trata-se de um modo complexo de perceber o mundo, pois quem destaca o objeto é quem o percebe.

Este mesmo modo de compreender a percepção é oferecido pela teoria da Gestalt quando trata de figura-fundo. É quem se dirige ao mundo que apreende uma figura sobre um fundo. Neste ato o perceber se revela como uma função complexa e indissociável de quem percebe. Merleau-Ponty (1945/1999) exemplifica esse movimento da percepção, que inclui a seleção de um contorno e de seu sentido:

Que uma qualidade, que uma superfície vermelha signifique algo, que ela seja, por exemplo, apreendida como uma mancha sobre um fundo, isso significa que o vermelho não é mais apenas essa cor quente, experimentada, vivida, na qual eu me perco, que ele (Vermelho) anuncia alguma coisa sem a conter, que exerce a função de conhecimento (...). Doravante o vermelho não me é mais apenas presente, mas ele me

representa algo, e aquilo que ele representa não é possuído como uma “parte real” de minha percepção, mas apenas visado como uma “parte intencional”. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 35-36).

No exemplo acima ficam explícitos dois desdobramentos: o primeiro se refere aos limites do vermelho enquanto figura; ao ser delimitado o vermelho se torna figura e adquire conotação de mancha. Outro é o sentido a que a cor vermelha pode remeter, como sangue, vinho tinto, tinta etc. Assim, os desdobramentos do elemento fático são significados por quem os percebe.

Merleau-Ponty (1945/1999) alerta para o perigo de buscar uma perspectiva objetiva para conceituar a percepção humana. Quando tratamos o homem e o mundo como objetos colocamos de lado as perspectivas das experiências pessoais e passamos a considerar nosso corpo, que é o nosso ponto de vista para o mundo, nossos olhos que veem, nossa história, nosso presente como já determinados, tornando-os uma totalidade acabada, já pronta. Para a fenomenologia, porém, o mundo é “uma multiplicidade aberta e indefinida em que as relações são de implicação recíproca” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 109).

A necessidade da ciência de fixar objetos e apreendê-lo em uma única significação possível traz uma ruptura com a percepção pessoal, que inclui a multiplicidade do mundo e o ser como um todo. Merleau-Ponty (1945/1999) afirma que, para satisfazer esta necessidade,

Eu decolo de minha experiência e passo à *ideia*. Assim como o objeto, a ideia pretende ser a mesma para todos, válida para todos os tempos e para todos os lugares, e a individuação do objeto em um ponto do tempo e do espaço objetivos aparece finalmente como uma potência posicional universal. Não me ocupo mais de meu corpo, nem do tempo, nem do mundo, tais como os vivo no saber antepredicativo, na comunicação interior que tenho com eles. Só falo de meu corpo em ideia, do universo em ideia, da ideia de espaço e da ideia de tempo. Forma-se assim um pensamento “objetivo” (no sentido de Kierkegaard) – o do senso comum, o da ciência –, que finalmente nos faz perder contato com a experiência perceptiva da qual todavia ele é o resultado e a consequência natural. Toda a vida da consciência tende a pôr objetos, já que ela só é consciência, quer dizer, saber de si, enquanto ela mesma se retoma e se recolhe em um objeto identificável. E todavia a posição absoluta de um só objeto é a morte da consciência, já que ela imobiliza toda a experiência, assim como um cristal introduzido em uma solução faz com que ela instantaneamente se cristalice. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 109.).

Assim, Merleau-Ponty aponta para a necessidade de se reconsiderar o saber humano e o saber da experiência. Diante de ciências positivistas que

desconsideram o ato de perceber do homem como multifacetado e temporal, o autor coloca:

Não podemos permanecer nesta alternativa entre não compreender nada do sujeito ou não compreender nada do objeto. É preciso que reencontremos a origem do objeto no próprio coração de nossa experiência, que descrevamos a aparição do ser e compreendamos como paradoxalmente há, para nós, o em si. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 109-110).

Com isso reafirmamos a importância do saber pessoal e de um conhecimento que se incorpore por meio do vivido. Assim, o mundo se revela em sua dupla determinação para o homem: há o mundo fático, ôntico, dos objetos, porém toda a apreensão mundana do mundo é feita a partir de uma operação complexa e exclusiva do homem: a percepção, que inclui pensamentos, sentimentos e experiências prévias. Entendo que a atitude do psicólogo deve se aproximar da postura proposta pela fenomenologia, que busca compreender em cada experiência que nos é apresentada o sentido vivido pelo outro e por nós.

Nos cursos de graduação em Psicologia, porém, são raras as oportunidades para o desenvolvimento da postura fenomenológica. Os cursos universitários surgiram a partir de um paradigma positivista, da confiança no conhecimento adquirido com base em experiências laboratoriais que, cumulativamente, descortinariam ao homem a possibilidade de dominar o mundo. Consequentemente, exige-se dos alunos que mostrem o aproveitamento de seus estudos por meio de provas que medem o conhecimento teórico ou da estrita aplicação das técnicas dominantes na área. A habilidade para estar com o outro, para acessar o seu mundo, pouco ocorre no decorrer da formação acadêmica.

Nessa perspectiva não se apontam caminhos que minimizem a dificuldade de se aproximar e compreender o outro. Merleau-Ponty (1945/1999) afirma que “existem dois e somente dois modos de ser: o ser em si, que é aquele dos objetos estendidos no espaço, e o ser para si, que é aquele da consciência.” (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 468).

O movimento de reconhecimento do outro exige uma delimitação e uma afirmação de si mesmo: afinal, é a partir do outro, semelhante a mim e diferente de mim, que me reafirmo.

Merleau-Ponty (1945/1999) afirma:

Quando me volto para a minha percepção e passo da percepção direta ao pensamento dessa percepção, eu a re-efetuo, reencontro um pensamento mais velho do que eu trabalhando em meus órgãos de percepção e do qual eles são o rastro. É da mesma maneira que compreendo outrem. Aqui, novamente, só tenho o rastro de uma consciência que me escapa em sua atualidade e, quando meu olhar cruza com um outro olhar, eu re-efetuo a existência alheia em uma espécie de reflexão. (MERLEAU-PONTY, 1945/1999, p. 471).

Perceber o outro é, portanto, repensar a si e ao outro, movimento de reflexão inerente à condição humana. Diante de um outro atualizo a percepção de mim mesmo. Esta percepção simultânea revela-se fundamental para o fazer do psicólogo, que pode fazer um uso ampliado de tal condição, favorecendo a busca por uma presença mais disponível.

O entendimento de Merleau-Ponty sobre os processos de reconhecimento de si e do outro é oportuno para se pensar o modo como os estudantes de psicologia se voltam para os seus pacientes. A necessidade de estar diante do outro para, a partir daí, solidificar e sedimentar o próprio modo de ser, aponta para a necessidade de um encontro empático entre alunos e professores, que favoreça o entendimento da existência de outrem. Assim, os alunos também poderão continuar a construção de sua identidade profissional de modo a incluir suas características e habilidades pessoais, que são únicas.

Martim Buber (2007) contribui para a discussão ao afirmar:

O principal pressuposto para uma conversação genuína é que cada um veja seu parceiro como este homem, como precisamente este homem é. Eu tomo conhecimento íntimo dele, tomo conhecimento íntimo do fato que ele é outro, essencialmente outro do que eu e essencialmente outro do que eu desta maneira determinada, única, que lhe é própria e, o homem que assim percebi, posso então dirigir minha palavra com toda a seriedade a ele, a ele precisamente enquanto tal. (BUBER, 2007, p. 146).

Esse processo de reconhecimento do outro é indispensável para uma relação genuína. Como psicólogos devemos nos aproximar do outro tal como se apresenta, pois apenas assim será possível enxergá-lo, considerá-lo como alguém único, com sua história, o que possibilitará o encontro verdadeiro e potencialmente transformador.

Buber (2007) nos diz:

Tomar conhecimento íntimo de uma coisa ou de um ser significa, em geral, experienciá-lo como uma totalidade e contudo, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzam, experienciá-lo em toda a sua concretude. (...). Mas um tal conhecimento íntimo é impossível se o outro, enquanto outro, é para mim o objeto destacado de minha

contemplação ou mesmo observação, pois a estas últimas esta totalidade e este centro não se dão a conhecer: o conhecimento íntimo só se torna possível quando me coloco de uma forma elementar em relação com o outro, portanto quando ele se torna presença para mim. É por isso que designo a tomada de conhecimento íntimo neste sentido especial como o tornar-se presente da pessoa. (BUBER, 2007, p. 146-147).

Assim, Buber reafirma a atitude imprescindível para se aproximar do outro, que se revela enquanto disponibilidade. Essa postura é desejável ao psicólogo, porém exige autoconhecimento de quem se dispõe a conhecer o outro, além de ser necessário cuidar para a manutenção desta abertura.

Entendo que a formação do psicólogo exige uma transformação pessoal do aluno, principalmente no modo como compreende sua história. Ele precisa percorrer seu caminho e compreendê-lo para ser capaz de compreender o outro como alguém singular e com suas próprias determinações, afastando-se de concepções pré-determinadas e colocando-se como um diapasão que ressoa o modo de ser das pessoas que o procuram.

CAPÍTULO 2 – OFICINA DE CRIATIVIDADE

A Oficina de Criatividade foi desenvolvida em uma universidade particular no Brasil e oferecida como uma atividade optativa, incluída entre outras atividades de estágio, a partir da reflexão sobre a importância de desenvolver nos alunos as habilidades necessárias para um bom psicólogo. Ela foi pensada como um conjunto de propostas que o levassem a viver experiências em grupo e que, simultaneamente, o remetessem à percepção de si, de sua história e do outro.

A Oficina de Criatividade tem como objetivos favorecer a autopercepção e contribuir para o autoconhecimento do aluno; ajudá-lo a exercitar a compreensão do outro em uma postura fenomenológica; favorecer a reflexão sobre os modos de manejar situações e conflitos que possam emergir no grupo; realizar registros reflexivos das experiências vividas; e ampliar seu horizonte existencial por meio de atividades culturais que devem ser cumpridas fora da sala de aula. As atividades propostas para atingir esses objetivos pretendem ser provocações que levem o aluno a buscar o seu crescimento individual, aprimorando o conhecimento de si e da sua capacidade de assimilar e transformar teorias e técnicas em ferramentas pessoais de compreensão do mundo, valiosas para o exercício profissional.

Safra (2004) aborda a importância do conhecimento do idioma pessoal. A OC busca com que os alunos possam encontrar o seu idioma pessoal e compartilhá-lo, o que é indispensável para a atuação do psicólogo. Nesse sentido, Safra (2004) coloca:

(...) o ponto fundamental do ser analista é se ele caminhou o suficiente para que suas questões pessoais possam ter-lhe revelado as questões fundamentais do destino humano. Sua singularidade precisaria ter-lhe aberto para a alteridade do Outro e para a visão do destino humano. Assim sendo, o analista poderá reconhecer o universal em sua própria história. (SAFRA, 2004, p. 123).

As propostas oferecidas na disciplina de Oficina de Criatividade voltam-se a desenvolver no aluno a possibilidade de um novo olhar, capaz de distinguir diferentes nuances e tonalidades.

Retomando as ideias de Merleau-Ponty (1945/1999), a formação do psicólogo exige que este saia do lugar de reprodutor de teorias e técnicas e humanize seus conhecimentos. Afinal, a compreensão genuína faz uso do aparelho auditivo, como dimensão fisiológica e abstrata, mas não se limita a ele: é necessário que o psicólogo enxergue as entrelinhas, escute o sentido dado a cada palavra. Essa escuta associa-se à percepção humana e se completa em analogias, imagens, emoções e sentimentos eliciados na relação com o paciente. Assim, a Oficina de Criatividade é vivencial, oferece recursos e provoca desalojamentos de sentidos, de certezas e de verdades anteriormente consideradas inequívocas.

Safra (2004) oferece uma compreensão do humano a partir do vértice da criatividade, olhando para a pessoa a partir do gesto como ruptura, como acontecimento inédito. Analogamente, podemos afirmar que a proposta da disciplina Oficina de Criatividade inaugura e acolhe o gesto dos alunos em um ambiente de reflexão, possibilitando uma abertura para se confrontarem com sua história pessoal e acadêmica e para experimentarem a ação humana, atribuindo-lhe uma conotação fundante. De algum modo, busca atingir os alunos enquanto seres humanos abertos para agir e perguntar.

Safra (2004) trata a criatividade em uma perspectiva que encontra consonâncias com o entendimento proposto pela OC. A criatividade “não está necessariamente relacionada ao fazer artístico, mas sim à ação que possibilita o acontecer e o aparecimento do singular de si mesmo” (SAFRA, 2004, p. 61).

Nesse sentido a OC ocupa-se em desenvolver e exercitar a postura pessoal, interna de voltar-se para o vivido e refletir sobre ele. A experiência vivida, nesse caso, inclui as elaborações pessoais referentes às atividades desenvolvidas, a expressão e o compartilhamento do mundo particular do aluno, a escuta do outro, o testemunhar e o ser testemunhado, além das compreensões teóricas sobre o processo de se perceber, perceber o outro e ser percebido. A OC afirma-se como uma oportunidade concreta para os alunos passarem por uma experiência, registrá-la e poderem se debruçar sobre ela. Tal processo contribui para a autopercepção e para possibilidades de transformação no modo de estar com os pacientes.

O estágio em Oficina de Criatividade permite, de modo vivencial, que o estagiário reflita sobre suas habilidades pessoais para exercer a profissão, aprimorando-as. A Resolução N° 5, de 15 de março de 2011, das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de formação do Psicólogo, elaboradas pelo Ministério da Educação, no parágrafo 3º, apontam para a necessidade de as instituições de ensino garantirem princípios e compromissos como

(...) reconhecimento da diversidade de perspectivas necessárias para compreensão do ser humano e incentivo à interlocução com campos de conhecimento que permitam a apreensão da complexidade e multideterminação do fenômeno psicológico (Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991. Acesso em: 30 out. 2014)

O artigo 21 desse documento estabelece as diretrizes para os estágios supervisionados, afirmando que visam assegurar o contato do formando com situações, contextos e instituições e permitindo que conhecimentos, habilidades e atitudes se concretizem em ações profissionais, sendo recomendável que as atividades do estágio supervisionado se distribuam ao longo do curso. Assim, os estágios na graduação comprometem-se a iniciar a prática psicológica do aluno-estagiário, acompanhando-as em supervisão, para aprimorar as habilidades necessárias para o exercício da profissão.

A Oficina de Criatividade se insere nessa proposta de aprimoramento. Concretamente, a OC é um estágio eletivo oferecido em um curso de graduação em psicologia, com a duração de dois semestres. Formalmente, no 1º semestre ele é apresentado como um estágio que oferece atividades que levem o aluno a:

Vivenciar diretamente as atividades propostas e perceber seus efeitos pessoalmente.
Estabelecer vínculo afetivo mediado pela tolerância, respeito e compreensão.
Identificar, aceitar e promover a diversidade, dentro dos princípios da ética pessoal e profissional.
Identificar situações de risco e eleger a ação compatível. (EMENTA 2014).

Após essa breve apresentação dos fundamentos e do contexto da inserção da OC no âmbito acadêmico, seguirei com a descrição desta propriamente dita.

2.1 – O estágio de Oficina de Criatividade em um curso de graduação em Psicologia.

O estágio em OC ocorre em grupos de aproximadamente dez alunos e tem uma supervisão semanal com duração de 3hs/aula. Nele o supervisor responsável pelo grupo de alunos atua como o mediador do encontro e é nomeado de “oficineiro”, função que os estagiários desempenharão no semestre seguinte, com diferentes populações em diversas instituições.

Os alunos devem realizar, entre outras, atividades culturais semanais. Ao longo do semestre cada aluno deve ir a exposições de arte, cinemas, teatros, shows de música, apresentações de danças e ler romances, poesias ou contos. Essa exigência volta-se a colocá-lo em contato com diferentes formas de criação e expressões. Essas, muitas vezes, representam um modo de olhar, um recorte de uma situação, trazem questões de ordem psicológica e social e favorecem os alunos na ampliação de seus referenciais. Além de participar dessas atividades, os alunos compõem um diário de bordo, ferramenta que possibilita a reflexão sobre as experiências vividas no estágio e nas atividades culturais. Esta é mais uma forma de convidar os alunos a dirigirem o olhar para si e para os sentimentos despertados nas atividades.

Em cada encontro é proposta uma atividade com um tema específico, determinado pelo supervisor. No decorrer do semestre as propostas são pensadas considerando o envolvimento dos alunos, ou seja, a demanda que emerge no grupo associada aos objetivos do estágio. As propostas visam desenvolver habilidades como escuta, a capacidade de voltar-se empaticamente para o outro, a suspensão de julgamentos e o aproximar-se do vivido para perceber o impacto em si das diferentes ações. Um modo de acessar essas habilidades inclui dois movimentos: o primeiro é o da reconstrução de seu mundo e modo de ser e o segundo o de acompanhar e testemunhar o percurso dos outros, no caso os colegas do grupo de supervisão.

Cupertino (2001), sobre o estágio vivencial, afirma:

Se o flerte iniciado em nossa Oficina se consolida como uma união duradoura, não podemos ter certeza. Sabemos que ela é necessária, e que o terreno da atuação profissional está pleno de oportunidades para que nos deixemos atravessar pelo inesperado. O que pretendemos é que, no estágio, os alunos

encontrem um lugar para prová-la com o duplo sentido de experimentá-la e de submetê-la à prova. Concebemos a Oficina de Criatividade, então, como um campo para experiências, como um campo no qual possamos nos fazer e refazer a partir de uma experiência. Não aquela rançosa e congelante, a do desapontamento progressivo em direção à totalização e às impossibilidades, mas a outra, vívida e transformadora, a experiência do diferente. (CUPERTINO, 2001, p. 213-214. Grifos meus).

Pensando nesses objetivos, três grandes blocos temáticos são trabalhados nas OCs: a apresentação de si e de sua história de vida; possibilidades de constituição de sentido; e aspectos psicossociais da realidade brasileira. Essa divisão é uma referência para o supervisor, mas não é explicitamente apresentada para os estagiários, a fim de manter o tom de surpresa da proposta. Após a vivência das oficinas, porém, é possível mostrar o sentido da proposta e sistematizá-la para os estagiários. Assim, os estagiários realizam uma reflexão sobre o vivido de modo apropriado.

As supervisões ocorrem em uma sala de aula comum, disponível para o grupo, com carteiras e lousa. Usualmente o supervisor pede para que o grupo sente-se em roda. Na primeira aula do semestre o supervisor combina que os alunos deverão trazer em todas as supervisões um “kit básico para oficina”, composto de 10 folhas A4 (sulfite), material gráfico como caneta hidrocor, lápis colorido, giz de cera, tinta, cola e tesoura. Além do kit básico, o supervisor pode pedir materiais adicionais, eventualmente, de uma semana para outra, como cartolina, revistas ou papel Kraft. Quando o supervisor apresenta o estágio, ele não dá muitos detalhes sobre o percurso que será percorrido, e desse modo provoca um estranhamento que favorece a saída de um modo já conhecido de agir e responder, para acessar novos modos de conhecimento e interação. Os fundamentos do estágio serão tematizados posteriormente. Visando promover um espaço acolhedor e de confiança o supervisor explica que, por ser um estágio vivencial que toca em questões particulares, os conteúdos apresentados e compartilhados na sala de aula não devem ser expostos para outras pessoas, garantindo o sigilo.

Toda atividade de oficina inclui uma etapa expressiva, na qual cada participante deve se colocar por meio de colagem, pintura e desenho, entre outros recursos. As diferentes propostas de oficina convidam os participantes a

considerarem aspectos pessoais de suas histórias e a expressá-los de modo verbal ou não verbal. Mobilizam conteúdos a partir de um tema trazido pelo supervisor-oficineiro. A consigna é proposta de modo vago, com o objetivo de abrir um espaço de pouca certeza sobre a forma de realizar a proposta. Diante de perguntas dos estagiários, que querem uma direção objetiva sobre como realizar a produção, o supervisor responde que a atividade deve ser realizada do modo como cada um entender, não havendo uma expectativa sobre o resultado de sua produção ou uma referência de certo ou errado. Recomenda-se que os alunos busquem suas próprias referências de vida para realizar a tarefa, evitando-se inspirar na produção do colega, promovendo, assim, um mergulho em si mesmos.

Geralmente concede-se cerca de 30 minutos para a realização da etapa expressiva e, durante essa atividade, o supervisor sinaliza quanto resta a fim de garantir que todos possam concluir a tempo e participar do compartilhamento. Se o grupo precise de mais tempo isso poderá ser acordado em cada caso, mas com o decorrer das oficinas o estranhamento inicial diante de escassas referências cede espaço para uma liberdade de escolha de como e do que expressar.

O supervisor indica verbalmente o término do tempo para a realização da etapa expressiva, que dura, em média, trinta minutos. Em seguida o grupo se organiza para compartilhar as produções realizadas e os sentimentos despertados durante a atividade. O modo como é feito o compartilhamento varia conforme a proposta realizada, mas geralmente cada autor mostra sua produção e fala sobre ela, explicando-a e comentando tanto o processo de realizá-la como os sentimentos presentes. Em todas as oficinas o participante tem o direito de não querer mostrar sua atividade ou comentá-la e a sua vontade de permanecer em silêncio é respeitada. O momento de compartilhar é privilegiado, pois exercita-se *in loco* tanto a escuta de si e do outro como dos modos de interação entre os participantes, que se revelam nas diferentes posturas, algumas vezes de acolhimento e compreensão e em outras de julgamento e incompreensão.

As primeiras atividades vivenciais referem-se à apresentação de si e da própria história de vida e focalizam a maneira como cada um percebe a si mesmo

e reconhece seu percurso. Nelas são trabalhados temas associados a reconhecimento da família de origem, contexto de vida, sonhos, apreensões e decisões tomadas. Para alcançar tais aspectos as atividades contém um elemento surpresa. Inicialmente, diante do estranhamento da natureza da proposta, os estagiários tentam controlar as situações, mas com o decorrer dos encontros, passam a se envolver mais com as oficinas, o que propicia um mergulho mais profundo em si mesmos. A possibilidade de revisitar a história de cada participante dá a oportunidade aos alunos de reconhecerem sua visão de mundo e de si e possibilitam uma atualização dos sentidos das experiências.

Uma das primeiras atividades é a de fazer um “Anúncio de si mesmo”. Solicita-se que cada aluno escolha uma imagem recortada de revista, um título e uma frase que o represente. Isto é feito individualmente, sem que os colegas conheçam a produção dos demais participantes. Após a confecção do cartaz com o anúncio oicineiro recolhe os cartazes e os expõe no chão. Em seguida, começa uma tentativa de adivinhar o autor do anúncio. Diversos são os recursos utilizados pelos estagiários ao iniciarem o processo de adivinhação, incluindo diferentes sentimentos.

Sobre esse momento da atividade Cupertino (2001) coloca:

Meio “no chute”, meio seguindo pistas, vão acertando a maioria.

Há quem acerte quase todas as tentativas, chamando a atenção e despertando uma certa inveja nos demais, por sua sensibilidade na apreensão das características alheias, tão útil para a profissão que estão a ponto de abraçar. (...).

Há as adivinhações de consenso, que se apoiam solidamente em algum dado gritante, retratado pelo autor, aparentemente, com muito sucesso. (CUPERTINO, 2001, p. 32-33).

Essa atividade busca sensibilizar os estagiários para um pressuposto: “o de que a apreensão intuitiva consiste numa compreensão antecipada do que focalizamos. E que o que compõe essa antecipação, uma vez nomeado e dito, informa o outro do que, nele, aparece para nós” (CUPERTINO, 2001, p. 33-34).

Além desse pressuposto, a atividade é uma oportunidade para a autopercepção e configura-se como um espaço para um falar de si a partir da visão compartilhada pelos integrantes do grupo. Desse modo, diferentes maneiras de se colocar são contempladas e a interação advinda dessa troca de olhares e de representações pode ser manejada pelo icineiro, aprofundando e ampliando os temas que surgem.

Como fechamento da atividade o supervisor retoma os objetivos e os pressupostos do trabalho. Entre eles destacam-se o limite de como cada um se apresenta e a escolha das características que deseja que o outro conheça. Porém o mais importante é a percepção da diferença entre o que a pessoa desejou mostrar e o que o outro entendeu que foi mostrado. Enfatiza-se, assim, a falta de controle sobre o olhar do outro, mas destaca-se o processo individual de se perguntar: quem eu sou? O que mostrar de mim? O que não mostrar? E evidencia-se a visão que cada um tem de si e as escolhas que faz. Esse processo pode ser conversado e pensado no grupo. Trata-se, portanto, de uma maneira lúdica e expressiva de pensar sobre si e escolher o que e como se mostrar para o outro. Focalizam-se, também, as associações feitas por cada um diante da produção alheia. As percepções e as observações muitas vezes são impactantes. Nesse sentido alcança-se o objetivo de tematizar as diferentes perspectivas e trocar visões e concepções (CUPERTINO, 2001) Portanto, de modo vivencial, os alunos podem acessar seus valores e julgamentos. Desse modo, promove-se o autoconhecimento dos estagiários para que eles possam, posteriormente, colocar entre parênteses suas pré-concepções na prática profissional.

Outro exemplo desse tipo de proposta de atividades é o “Gráfico da própria vida.” Nessa atividade oicineiro pede que cada participante construa um gráfico que represente as diferentes esferas da sua vida. Quais esferas adotar e qual modelo de gráfico utilizar são escolhas pessoais. Após a confecção individual, cada participante, se assim o desejar, compartilha seu gráfico com o grupo. Esse momento é complementar à atividade proposta do anúncio de si mesmo, pois possibilita aos participantes elegerem diferentes esferas de suas vidas. Geralmente vive-se um clima de confiança e proximidade diante de relatos comoventes e sinceros. Há também relatos distanciados ou reservados e, mais uma vez, evidencia-se a multiplicidade e a originalidade de cada participante se colocar e vivenciar a proposta. Nos momentos de compartilhamento das produções é possível vivenciar um silêncio que testemunha algo denso, profundo, que não espera uma resposta, mas simplesmente se fazer presente.

Um segundo grupo de atividades explora a constituição de sentido, tema relevante para as práticas psicológicas fundamentadas na fenomenologia. **Dois**

exemplos de atividades voltadas a esse tema mostram como se dão as propostas aos alunos e como eles são trabalhados na OC.

Em uma atividade os alunos são divididos em dois grupos e convidados a realizar uma produção coletiva, em silêncio, com massinha. Após a realização discute-se a produção e os participantes se colocam quanto ao processo e ao sentido da produção. Nesse momento são capturadas diferentes visões sobre a mesma produção. Desse modo são tematizadas as possibilidades de constituição de sentido imbricadas no modo de ser de cada um e em sua história.

Em outra atividade convida-se os alunos a escolherem um local dentro do prédio em que estão para anotar, durante 15 minutos, todos os sons que ouvem. No momento do compartilhamento da experiência diferentes modos de constituição de sentido se fazem presentes e, mais uma vez, é identificada a estreita relação entre a história e o modo de ser de cada um com o modo de constituir o mundo.

Embora pareçam atividades simples, elas são vividas com grande satisfação e surpresa pelos alunos. Afinal é uma das primeiras vezes, no ambiente acadêmico, em que podem se deparar e refletir sobre o modo como percebem e significam o mundo ao redor.

Um terceiro grupo de atividades volta-se ao contexto psicossocial dos brasileiros. Seu enfoque é evidenciar as diferentes realidades do país, indicando a possibilidade de fazer Psicologia para além dos contextos tradicionais, considerando, portanto, as situações em que diferentes camadas da população se encontram, assim como os sentidos únicos e peculiares que possam se manifestar.

Visando sensibilizar os estagiários e apresentar as diferentes realidades existentes no país, é apresentado um documentário, como “Profissão MC” (2009) ou “Quanto vale ou é por quilo?” (2005), que versam sobre dificuldades e soluções encontradas por populações que vivem em situação de vulnerabilidade social, muitas vezes associadas a crime organizado, tráfico de drogas e ausência do poder do Estado nas periferias, contrapostas ao desejo de consumo da população economicamente carente e ao “poder paralelo” que se faz presente em periferias e favelas. Busca-se sensibilizar os alunos para diferentes contextos

sociais que implicam, necessariamente, em diferentes formas de significar o mundo. Nessas atividades problematiza-se a visão elitista da Psicologia, oferecendo recursos para que os alunos compreendam diferentes condições de vida, e acima de tudo salienta-se a necessidade de uma escuta diferenciada para diferentes populações, conforme o contexto em que estão inseridas, reafirmando a impossibilidade de se avaliar o outro a partir de teorias e ideias pré-concebidas.

Outra estratégia utilizada nas OC para que os estagiários ampliem sua visão de mundo refere-se ao tema da ecologia e da responsabilidade individual para a preservação do planeta. Documentários como “Uma verdade inconveniente”, de Al Gore (2006), podem ser sugeridos nesse contexto.

Após as discussões sobre os diferentes contextos, é pedido, como “lição de casa”, que cada aluno realize alguma ação que nunca fez e, na semana seguinte, a experiência é compartilhada. Essa “lição de casa” tem se mostrado valiosa, pois obriga os alunos a saírem de um modo automático de viver o cotidiano e a arriscarem algo novo, temido ou desafiador. Os relatos geralmente são de satisfação e de surpresa diante da facilidade com que enfrentam a tarefa, pois consideravam o feito muito mais difícil do que se mostrou na prática.

Todas as atividades vivenciais, como mostrado nos exemplos, devem vir acompanhadas de uma reflexão sobre o vivido, ou seja, os alunos têm a oportunidade de revisitarem o processo experienciado a partir de conceitos filosóficos e psicológicos oferecidos ao longo da graduação, como a constituição mútua entre Homem e Mundo, postura empática, escuta atenta, suspensão dos pré-conceitos. Todos esses conceitos apontam para atitudes que, enquanto psicólogos, devem ser conquistadas pelos alunos. Dessa forma, o estágio em OC não se limita a favorecer experiências, mas torna-se um espaço reservado para poder ir além da vivência, ou seja, reconhecer o seu impacto e se colocar pessoalmente, considerando as diferentes variáveis e tentando compreendê-las à luz dos referenciais trabalhados no curso.

Reafirmando, portanto, como afirmado por Cupertino (2001), o propósito do estágio de OC é o de ser uma oportunidade para

Exploramos ao mesmo tempo a possibilidade de instituição de uma outra fala, que nasce da ruptura com os modos cotidianos de interpretar o mundo e que institui um trânsito para o que, nele, se mantém como

enigmático, não para representá-lo, mas para dirigir o nosso olhar e nossa escuta para aquilo que pode se mostrar como surpresa, como o que contraria as nossas expectativas. (CUPERTINO, 2001, p. 205).

Acrescenta-se às vivências e às reflexões possibilitadas pelo estágio a leitura de textos teóricos da Psicologia e da Filosofia produzidos por Bondía (2002), Cupertino (2008), Lévy (2001) e Sá (2008), que abordam a questão do humano na perspectiva fenomenológica. Esses textos servem de fundamento para que os alunos construam um modo de compreender o existir humano partindo de suas próprias experiências, tanto como participantes da OC quanto como expectadores das atividades culturais. Desse modo, ao lado do percurso pessoal, há um percurso teórico que é integrado ao que é vivido no grupo.

Nesse espaço os alunos podem se perceber como incompletos, como não sabendo tudo, o que permite uma abertura para uma busca maior de conhecimento. Assim, ao longo do primeiro semestre, os alunos encontram no espaço do estágio de Oficina de Criatividade a possibilidade de se colocarem pessoalmente, de terem a vivência de serem integrantes de um grupo que, paulatinamente, vai estreitando suas relações por meio do compartilhamento e testemunho de experiências e emoções.

Cada grupo de supervisão desenvolve uma identidade grupal, muitas vezes pautada na tolerância, no apoio mútuo, reconhecendo esse espaço como facilitador para acessar conteúdos pessoais que estavam guardados, favorecendo, portanto, o autoconhecimento e uma postura compreensiva para com o outro.

Além dos encontros vivenciais, a partir do segundo bimestre, visando instrumentalizar os estagiários para a intervenção que realizarão nas instituições no semestre seguinte, é solicitado que os alunos formem duplas ou trios para iniciar a elaboração do projeto de intervenção psicoeducativa, que prevê dez encontros com duas horas semanais e que acontecerá no segundo semestre.

Para a elaboração do projeto de intervenção psicoeducativa, que consiste na criação de um grupo de Oficina de Criatividade, é exigido que os alunos realizem uma revisão bibliográfica sobre as especificidades da população da instituição em que farão a intervenção. Com isso é possível se pensar nos benefícios que uma Oficina de Criatividade trará para a população escolhida, justificando a formação de uma oficina naquela instituição específica. Após a

revisão bibliográfica os alunos devem visitar a instituição onde farão o estágio prático a fim de apresentar a proposta de intervenção aos responsáveis, levantar a demanda específica daquele grupo e conhecer o funcionamento da instituição.

Assim, os estagiários, além da experiência vivencial, iniciam o contato com a instituição, o que exige uma sistematização dos conhecimentos aprendidos no estágio vivencial e dos referenciais teóricos que fundamentam a ação. Assim, os estagiários podem realizar uma prática profissional fazendo uso da experiência vivenciada no primeiro semestre.

No segundo semestre cessam as atividades vivenciais e o espaço da supervisão volta-se para acompanhar as intervenções realizadas pelos estagiários na instituição. As intervenções consistem na criação e no acompanhamento de um grupo de oficina de criatividade, considerando a população e a demanda. Os encontros são mediados por uma dupla ou por um trio de alunos e exige a elaboração de relatórios semanais que contenham a descrição da atividade realizada e uma análise sobre o encontro.

Desse modo, espera-se que o aluno tenha a oportunidade de experimentar o lugar de oficinairo e colocar em prática as atitudes que foram focalizadas e acessadas no semestre anterior. Além de analisar a situação e decidir os caminhos a serem percorridos visando atingir os objetivos propostos no projeto de intervenção. Ao final do semestre o aluno deverá elaborar um relatório final da intervenção realizada, analisando o processo do grupo de OC.

CAPÍTULO 3 – CAMINHO METODOLÓGICO

3.1. Objetivo

O objetivo desta tese é compreender, em uma abordagem fenomenológica, as contribuições que o estágio vivencial em Oficina da Criatividade trouxe para a formação do psicólogo e para a prática profissional atual na visão de ex-alunos.

3.2. Percurso inicial

A ideia de realizar uma Tese de Doutorado sobre o tema da formação do psicólogo se deu por dois motivos. O primeiro está atrelado às conclusões advindas da Dissertação de Mestrado defendida em 2010, na qual apontei a “necessidade de cada terapeuta buscar, encontrar e percorrer o seu próprio caminho” para construir e apropriar-se do seu modo de realizar a prática psicológica (ROSMANINHO, 2010, p. 21). O segundo motivo surgiu da prática como supervisora do estágio vivencial de Oficina de Criatividade em uma universidade particular do Brasil.

Iniciei minhas atividades docentes em um curso de graduação em Psicologia assumindo disciplinas teóricas sobre as abordagens fenomenológicas e humanistas em Psicologia e supervisionando atendimentos clínicos na abordagem fenomenológica. Considerando meus conhecimentos e minha prática clínica nessa abordagem, fui convidada pela Dra. Christina Menna Barreto Cupertino, idealizadora das Oficinas de Criatividade, a supervisionar o estágio nessa área. A Dra. Christina Cupertino acompanhou-me de perto nos passos iniciais da minha prática comoicineira no contexto da formação acadêmica, oferecendo-me subsídios para compreensão dos objetivos dessa prática, assim como espaço para a reflexão e a construção da minha identidade enquanto supervisora de OC.

O estágio em OC é composto por práticas vivenciais e tem como proposta oferecer um espaço no qual os alunos tenham a oportunidade de se deparar

consigo mesmos e com os outros, podendo focalizar essas experiências e refletir sobre elas. Desse modo, vivi com entusiasmo a possibilidade de acompanhar, em situação institucional, um estágio que focalizava a individualidade de cada aluno e a troca de experiências entre eles, considerando cada um deles como um ser-no-mundo-com-os-outros e um ser histórico, conforme proposto pela fenomenologia. Naquela época eu via a proposta de estágio vivencial como uma oportunidade para preencher a lacuna da formação do psicólogo, que oferece poucas possibilidades para o desenvolvimento pessoal do aluno, visando a apropriação de seu modo próprio de ser entre os conhecimentos adquiridos durante o curso.

Após um ano como supervisora de OC, interessei-me em compreender as contribuições desse estágio para a formação do psicólogo e para o seu trabalho profissional.

3.3. O caminho percorrido

A fim de atingir o objetivo proposto, considerei que os colaboradores desse trabalho deveriam ser ex-alunos que tivessem cursado o estágio em OC e que tivessem se graduado há entre 2 e 5 anos. Encaminhei um e-mail coletivo para quinze ex-alunos de diferentes supervisores deste estágio e selecionei os colaboradores por ordem de manifestação. Dos quinze ex-alunos contatados, oito responderam, mas três não correspondiam aos critérios exigidos e um não encontrou disponibilidade para realizar a entrevista. Ao final das 4 entrevistas e de suas análises observei que as unidades de significados levantadas se repetiam, evidenciando saturação. Desse modo, os relatos mostraram-se suficientes para a realização da tese.

Durante as entrevistas todos os cuidados éticos exigidos para pesquisas que envolvam seres humanos foram observados conforme o descrito no Projeto de Pesquisa apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisas, cuja aprovação está registrada sob o número CAAE 40951114.5.0000.5482.

Diante do desafio de acessar as experiências dos colaboradores optei por um método de pesquisa condizente com o objeto de estudo e a visada teórica da

fenomenologia. Para Forghieri (1993, p. 59), a pesquisa fenomenológica procura “captar o sentido ou significado da vivência para a pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano”.

Para a fenomenologia homem e mundo são entidades indissociáveis, pois existem mutuamente, não existindo precedência de um, ou do outro. Esse fundamento afasta a possibilidade de um conhecimento puro, a priori, sobre o existir humano, pois não é possível isolar acontecimentos do contexto em que existem, assim como pesquisador e objeto a ser pesquisado formam um par.

Moreira (2002) afirma que

A consciência não é coisa, mas aquilo que dá sentido às coisas. (...). É a consciência intencional que faz o mundo aparecer como fenômeno, como significação, pelo fato de ser um *cogitatum* intencionado pelo sujeito. (MOREIRA, 2002, p. 85. Grifo do autor).

O conceito de intencionalidade apresenta a unicidade entre consciência e objeto da consciência; esta concepção acaba por delimitar a impossibilidade de uma objetividade total pois a subjetividade do pesquisador estará sempre presente nas pesquisas realizadas. Husserl (1929/2001) afirma:

A bem dizer, o mundo não é para mim outra coisa senão o que existe, e vale para minha consciência num **cogito** semelhante. Todo o seu sentido universal e particular, toda sua validade existencial, ele tira exclusivamente dessas **cogitationes**. Nelas transcorre toda a minha vida intramundana, portanto também as pesquisas e esforços que tenham que ver com minha vida científica. (HUSSERL, 1929/2001, p. 38).

Moreira (2002) contribui para a compreensão do alcance de pesquisas fenomenológicas ao colocar:

A fenomenologia tem como tarefa analisar as vivências intencionais da consciência para aí perceber o sentido dos fenômenos. (MOREIRA, 2002, p. 85).

Para compreender as experiências vividas pelos alunos no estágio em OC optei por realizar entrevistas semi-abertas tendo como base um Roteiro de Entrevista (Anexo I).

Para Moreira (2002) durante a entrevista semi-aberta o pesquisador elabora perguntas iniciais sobre o tema e se coloca diante do outro em uma atitude de escuta, oferecendo liberdade para o colaborador falar a seu modo sobre o tema em foco e sobre outros que associe ao assunto. Assim, o pesquisador poderá trazer questões complementares, que não estavam previstas no roteiro. Caberá ao pesquisador a sensibilidade de se colocar quando

necessário para favorecer o aprofundamento do olhar do colaborador para si e para a reflexão sobre o tema da entrevista.

Nas entrevistas que realizei coloquei-me em uma postura de diálogo, buscando delimitar e nomear as vivências relatadas, convidando o colaborador a explorar e a se aprofundar nas possíveis ressonâncias destas em sua formação como psicólogo, dentro dos limites cabíveis à situação.

O trabalho de transcrição e elaboração da síntese de uma entrevista já exige um movimento do pesquisador de se debruçar sobre o vivido. Realizei, portanto, as transcrições, e depois realizei várias leituras do material transcrito a fim de apreender o sentido do que foi colocado por cada colaborador. Pude, então, fazer uma síntese de cada entrevista para, em seguida, identificar os significados que revelassem os lugares de ressonância da experiência de OC nos ex-alunos, caracterizando o momento inicial da análise. Os significados encontrados foram apresentados e discutidos na análise de cada entrevista e, posteriormente, discutidos conjuntamente, o que favoreceu a obtenção de uma compreensão possível das contribuições do estágio vivencial em OC.

A apresentação desta tese segue o seguinte roteiro: no capítulo inicial apresento as principais conceituações de Merleau-Ponty que contribuem para a mudança de paradigma da concepção de homem e mundo da fenomenologia; em seguida, no capítulo 2, apresento o contexto institucional educacional em que a OC se insere e descrevo-a, ressaltando seus instrumentos de trabalho, com intuito de apresentar ao leitor suas especificidades; o capítulo 3 apresenta o percurso para chegar ao tema desta pesquisa e o método utilizado; nos capítulos seguintes apresento as sínteses e as análises das entrevistas dos quatro colaboradores e os significados presentes na experiência de cursar o estágio vivencial em OC e suas ressonâncias na vida profissional; por fim, nas conclusões, articulo as análises das diferentes entrevistas e apresento a compreensão que foi possível obter no final deste trabalho. No Anexo I encontra-se o roteiro elaborado para a realização das entrevistas semi-abertas e no Anexo II apresento a transcrição de uma das entrevistas realizadas.

CAPÍTULO 4 – MURILO

Marcamos a entrevista para um sábado. Murilo chegou um pouco atrasado e aflito, pois havia se perdido no metrô.

Ao iniciarmos a entrevista, foi ficando à vontade. Desde o primeiro momento enfatizou seu interesse pela abordagem fenomenológica e disse que suas escolhas de estágio se deram visando contemplar seu anseio em aprimorar seus conhecimentos nesta abordagem. Disse que recordava do semestre vivencial de OC e, ao ser perguntado do que ele se lembrava, respondeu:

Eu lembro porque foi uma experiência bastante satisfatória, no sentido de que... na faculdade, parece que a gente tem esse apelo ao técnico sempre, então, a gente tem sempre aquele receio, principalmente na questão que a gente tava sendo inserido nas práticas, né? De acertar ou errar. Parecia que não tinha um momento realmente da gente se colocar, além daquela perspectiva: eu entendo a teoria desta forma! Né? Não tinha o nosso eu, a nossa presença de verdade. Eu acho que foi um estágio que propiciou isso... e deu um chão, um fundamento muito interessante para o processo posterior, que era nós conduzindo a atividade de Oficina, né? Então eu lembro bastante desse primeiro momento por isso, por essa liberdade de estar presente, de se colocar.

Com o intuito de aprofundar o que ele entendia e destacava como uma experiência bastante satisfatória, perguntei se lembrava de alguma atividade do estágio vivencial. Murilo relembrou a atividade do “Anúncio de si mesmo” (descrita no capítulo sobre O.C). Relembrou que os alunos frequentavam a mesma classe, mas que essa atividade

(...) foi interessante porque foi um momento em que a gente percebia que não se conhecia tanto quanto pensava, né? Então, logo de cara, começaram a aparecer similaridades e certos antagonismos até, de... nossa! Tal pessoa falou que eu gosto disso, ou eu tenho tal característica, né?

Em seguida, relembrou a atividade do sonho. Para a realização desta solicita-se que os alunos representem um sonho em uma cartolina branca, apenas com algodão branco e cola. A orientação propositadamente vaga permite diferentes interpretações de sonho, como um sonho vivido, desejado ou até onírico. Comentou sobre sua surpresa ao receber a orientação da atividade: “Não tinha essa coisa delimitada: descreva um sonho seu.”.

Novamente intervi questionando-o sobre a diferença que ele percebia nas orientações sobre a atividade expressiva a ser executada. Sua resposta foi direta:

Era diferente por essa possibilidade de se colocar. Como a gente tava em âmbito universitário, né? Talvez a gente não... não enxergue que tem essa possibilidade, né? Até porque é uma coisa hierárquica, né? A universidade oferece tal estilo de aprendizado e a gente escolhe dentro daquelas possibilidades. Então, quando veio a Oficina de Criatividade as nossas referências eram poucas, né? Bom, não sei muito bem como vai ser conduzido, mas eu acho que tá dentro do que eu quero, né? Então, por exemplo, essa atividade do sonho dava a possibilidade de... nossa! Isso faz parte da graduação. Sabe assim? Eu estou aqui, estou presente e não estou falando de teoria, estou falando das minhas experiências, das minhas vivências e ainda assim é um respaldo a todo aquele arcabouço técnico e tudo mais que todas as outras áreas, né? Ou mesmo estágios delimitavam para nós.

Naquele momento Murilo estava acessando suas memórias de modo vívido e aproveitamos para nos aprofundar nas ressonâncias desta experiência na sua formação. Inicialmente ele associou aqueles que se vinculam à fenomenologia como pessoas que buscam integrar a compreensão de homem e mundo que é proposta por ela como um estilo ou uma filosofia de vida. Pedi um exemplo da ressonância do estágio em OC na formação profissional. Ele me respondeu:

Huhum, bom, quando eu tô de frente a um paciente hoje (riso encabulado), por exemplo, né? Eu não tenho mais aquela aflição do fazer certo ou fazer errado... Né? parece que a prática em oficina me deu essa visão, de que existe essa possibilidade... do incerto! Ao mesmo tempo que as outras áreas tinha esse quê com o teórico, de que a gente tem mesmo que evitar de se colocar para não confundir coisa nossa com o do paciente, mas na verdade, a um certo ponto, é uma situação totalmente ao inverso, né? Se a gente não se permitir se tocar com o que está sendo apresentado, se colocar... Como a gente vai reagir de uma forma própria com aquilo que tá lidando, né? Não tem a teoria respaldando tudo isso. Eu acho que seria mentiroso dizer que dentro do trabalho, da prática profissional do psicólogo se deva evitar totalmente esse estar pessoalmente, as nossas vivências nas práticas. Eu acho que... a prática da... desse estágio em Oficina de Criatividade delimitou bastante isso na minha cabeça, né? Eu tenho a possibilidade sim de estar presente; isso não é necessariamente um erro, né? Me dá possibilidades de enxergar inclusive coisas além, né? Pelo simples fato de eu conseguir me colocar.

Buscando tornar a entrevista mais pessoal e acessar mudanças no seu modo de ser, perguntei a ele se teve alguma percepção diferente sobre si mesmo. Murilo riu bastante e disse que sim. Falou sobre uma lição de casa na qual deveria fazer alguma coisa que nunca tinha feito: “E foi uma semana complicada, né? Porque... (risos) deixou de ser só uma atividade para estágio, mas de uma certa forma, uma superação... Digamos, né?”.

Percebi que houve grande adesão e empenho dele para cumprir a lição de casa, o que evidencia seu envolvimento com o estágio. Ele falou de uma mudança de disposição para estar com o outro, evitando julgá-lo antecipadamente:

(...) teve pessoas com quem eu... acabei aprendendo a me identificar, naquele período. Eee... Pessoas que anteriormente tinham coisas que me deixavam muito irritado, que me faziam não me aproximar delas, né?

(...) Fora a questão que é praticamente comum, né? De você estar num círculo fechado de amigos e de repente não se relacionam. E ali era inevitável, né? Você se colocava pessoalmente, então, você não tinha como você não aprender a olhar pro outro de uma maneira mais íntima.

Esclareceu que as pessoas que o irritavam eram de sua sala e estavam no seu grupo do estágio em OC. Afirmei que essas pessoas se colocaram de modo mais pessoal no estágio e Murilo complementou:

(...) fazia eu acabar reconhecendo coisas em mim (risos). Né? Por que eu enxergava aquilo naquela pessoa? Se, na verdade, ela não se apresenta dessa maneira agora que eu a conheço de maneira verdadeiramente. Então, vai uma questão extensa, né? Pré-julgamento que temos, né? Inevitável.

Desse modo, Murilo pôde rever seus conceitos e buscar uma compreensão do outro que não partisse exclusivamente de suas experiências, mas que estivesse afinada ao modo de ser do outro. Esse aprendizado reflete-se em seu modo de ser e de atuar profissionalmente, pois

Agora, a gente, como eu trouxe isso pra vida e pra prática, né? Eu não tenho um supervisor fazendo isso por mim, então é uma coisa, eu não diria que eu ficaria policiando, né? As minhas práticas, mas traz mesmo esse respaldo de... a gente tem essa possibilidade de se colocar e a gente também tem a possibilidade de se distanciar. Nossa, assim... tô percebendo tal sensação, tal angústia, entende? O que é meu? O que não é? Por que tá acontecendo? Então, a gente tá lá na prática e acaba se voltando pro pessoal e fica uma coisa dialógica, digamos, né?

Nesse sentido Murilo trouxe sua capacidade de se distanciar do outro, para conhecê-lo e falou dessa atitude como uma possibilidade para a atuação do psicólogo. Em seguida, perguntei se esta mudança se dava em outros âmbitos. Ele me falou do lugar do psicólogo no imaginário das pessoas leigas:

Estando na profissão, às vezes, as pessoas se colocam de determinadas maneiras frente a nós. De... ah, você está, de repente, num churrasco num final de semana, né? E a pessoa “-Ah, o psicólogo! Ta ali... ainda mais agora atuando, então fica aqueles quês de... o que dizer, o que colocar, ou que você tá lá e como psicólogo vai falar uma palavra mágica que vai resolver a vida das pessoas. Então a gente tem até uma referência de que: Ó, o funcionamento não se dá dessa maneira. (...);

eu experimentei um estágio que foi super interessante, super envolvente, onde eu pude me colocar, onde eu vivenciei, onde não era

restritamente exigido de mim a questão teórica, né? Para eu me colocar com os acertos e erros voltados a essa questão. E foi válido, eu diria que até mais válido do que as outras que cobram isso de maneira tão arraigada e institucional, né? Que é como as coisas acabam funcionando pra gente se graduar. Entendo perfeitamente, mas também entendo que esta prática favoreceu totalmente, nesse sentido, a gente aprende a dar uma perspectiva nova pra prática profissional e, ali no nosso âmbito pessoal, a gente consegue abrir esse espaço, né? De falar ó, o psicólogo também atua dessa maneira, tem essas possibilidades, tem uma amplitude, uma dimensão...

Naquele momento abordamos a OC como uma possibilidade do fazer psicológico, como uma ferramenta. Compreendendo isso e buscando retomar a questão da experiência ressoar em outros âmbitos, perguntei:

Então você está falando da oficina como uma ferramenta mesmo (...) essa percepção que você trouxe de perceber que o que você vê no outro tem bastante de você, tem algo de você também? Isso se faz presente na sua vida em outros âmbitos?

Murilo não associou diretamente a percepção de si com o modo como lida como o outro, mas reafirmou o quanto perceber a si mesmo de outro modo se tornou uma possibilidade que passou a acompanhá-lo na vida pessoal. Ao explorarmos o que a oficina ofereceu enquanto espaço, Murilo disse que ela lhe deu a possibilidade de conhecer de uma maneira quase intuitiva. Questionei-o sobre o que ele quis dizer com intuitiva. Ele me respondeu:

Intuitiva no sentido de que às vezes você não coloca isso exatamente em palavras, mas você experimenta em sensações que você não precisa necessariamente nomear, você percebe a estranheza, você percebe o clima... Ah, eu me lembro de atividades que inclusive... eu acabei me entristecendo... eu não consigo colocar em outras palavras... com um assunto que anteriormente não mexia comigo de uma maneira como aconteceu, né? Eu acho que é uma referência isso, né? Por que que isso aconteceu? Sabe assim? Não sei se era a relação que tava acontecendo com aquelas pessoas, ou... se era algo só pessoal meu. Mas se trata exatamente disso, de você conseguir visualizar a questão de uma maneira mais intuitiva, né? Isso é meu? Não é? O que tá acontecendo? Da onde vem?

Naquele momento resgatamos juntos o que havia acontecido e nos lembramos de que vimos o documentário “Quanto vale ou é por quilo”. Ele falou que o documentário tocou-o no sentido de ver a vida tratada com banalidade:

Se mata por uma questão tão boba, por nada, né? Se deixa de ser empático, se deixa de olhar pro outro por nada. Entende? Então não sei se foi o espaço que propiciou isso, ou se era uma condição minha própria, mas eu sei que... Naquele momento, né? Comoveu, mexeu!

Pedi que ele me falasse sobre o grupo. Disse-me ele:

Dá uma referência, uma referência bastante positiva, no sentido de... temos com quem contar, temos com quem contar é... seja no âmbito do aprendizado, né? Seja no âmbito da prática profissional, né? (...) Mas coloca essa questão de que somos vistos, né? Somos pessoas que

causam preocupações às outras, sabe assim... e é super estranho saber que... há um semestre atrás, por uma questão boba, banal, de distanciamento, seja por qualquer motivo, você não olhava praquela pessoa que estava ali, com a mesma preocupação, né? De... nossa, tal coisa afeta essa pessoa a esse nível, né? O que é isso? Porque sabe assim, você se dispor a... a conhecer é... se dispor a estar junto de verdade, né?

Ao tentar detalhar a experiência de grupo ele disse:

“É uma coisa que você aprende de maneira concomitante, com o que é proposto de atividade pra gente, com a maneira com que as pessoas se colocavam, né? (...). Porque, embora a gente tivesse uma orientadora, enquanto os outros se colocavam a gente também tinha a possibilidade de articular: - nossa, sentiu o mesmo, né?

Então, a gente conseguia estar presente, estar junto, se relacionar, se envolver, coexistir! (...). Trazia empatia, acho que é a palavra, uma palavra chave pra situação.

Murilo, de modo bastante concentrado, fala do impacto de compartilhar as vivências oferecidas pelo estágio:

Tinha essa reciprocidade, de... você se colocar em determinado ponto, porque eram coisas bastante pessoais que nós trazíamos, e... quando você se dá essa liberdade, você... de repente, tem essa preocupação de como o outro vai receber isso, né? Então, se você tem um grupo suportivo, pessoas que te acolhem, você acaba tendo a possibilidade também de se conhecer melhor, né? Porque uma coisa é você vivenciar as experiências e verbalizar isso internamente, né? Nossa, pensando comigo mesmo: isso aconteceu de tal maneira, eu senti isso. Mas quando você se coloca pro outro, isso ganha uma outra dimensão, porque você tem que escolher palavras pra falar aquilo, ou você tem toda a dimensão corporal de como você tá naquele momento, né? As sensações que te trazem, e isso tá in loco, isso mexe, né? Isso... Ecoa de uma certa maneira. Então, né? acaba dando a possibilidade de você se reconhecer a partir do que o outro tá colocando, né?

Naquele momento Murilo ficou em silêncio e perguntei como a experiência havia trazido uma percepção diferente tanto dele quanto do outro. Ele disse: “Ampliou, ampliou, deu essa ampliação na possibilidade de estar em contato com todos esses cuidados, sensações, palavras, percepções, antagonismos, coincidências... (risos). Né? É um mundo rico.”

Em seguida Murilo falou dos momentos em que preferia não compartilhar a experiência vivida, pois ainda estava “sem forma, ainda muito nebuloso, pra conseguir, né? Por de uma maneira... a expressar com fidelidade o que estava acontecendo, porque é outro risco que a gente corre: o de ser mal interpretado, né?”. Disse que a “oficina ecoava fora daquele espaço”, referindo-se ao momento da supervisão. Pedi que me explicasse melhor como se dava esse eco. Contou que quando a professora solicitava um material para o próximo encontro os

estagiários ficavam curiosos e ansiosos, especulando o que os esperava na semana seguinte. E disse:

“Então, colocava a gente presente naquele momento que nem tava acontecendo. Então, a gente já tava respondendo alguma coisa que a gente não tinha a noção do que era, né? Já era uma sensação, uma experimentação, eu não diria prévia, mas prolongada, né? [Entendi] de tudo, né? Então fica uma coisa experimentada no dia-a-dia, no cotidiano, você não foge daquilo”.

Naquele momento falei da dupla sensação de estar mexido com a atividade que acabara de realizar e, simultaneamente, na expectativa do que viria e aonde seria tocado com a próxima atividade. Murilo me interrompeu e afirmou: “Exatamente, exatamente. E... a relação dos participantes era... acabou sendo mais amigável, mais amistosa em função da, dessa... desse estágio, né?”. Pelo que ele disse, o estágio o ajudou nas relações interpessoais na sala de aula:

Ajudou, ajudou, sim. Traz de volta aquela questão que a gente já colocou, de não, de enxergar uma pessoa de determinada maneira e, de repente, estando presente na forma como ela se coloca, das sensações dela frente determinados estímulos que também tivemos, se passa a enxergar ela de uma outra perspectiva, de uma outra maneira, né? Então ecoa, não tinha como não ecoar. Não tinha como não sair daquele espaço, aquela vivência, aquela experiência, e... Colocando a situações num ângulo até mais comum, as pessoas que decidiram por não optar por esse estágio, acabaram por ter certa inveja (risos) certa inveja...

Ao explorar o tom dos alunos que sentiam inveja, Murilo falou que o ponto crucial era o vivencial. Em suas palavras:

Porque enquanto as demais se ocupavam muito com esse caráter técnico e teórico, nós estávamos experimentando coisas e trazendo isso para vida social, comum, fora daquele espaço e conversando, e, ainda assim, se graduando. (risos) Que era o mais importante. Então, parece que ficou uma experiência muito assim, né? Nossa, isso cabe dentro da graduação, né? Por que que eu num fiz essa opção também? Então as pessoas acabavam tendo esse tipo de comentário, né? Quando a gente se colocava: -Nós fizemos determinada atividade na OC. E as pessoas diziam isso: como eu queria tá presente, como eu queria ter escolhido, ou até mesmo, será que eu não posso mudar? (Risos mais altos)

Busquei entender melhor quais informações ele passava para os colegas que não haviam optado pelo estágio de OC, a fim de compreender a inveja mencionada por ele. Disse-me que tomava cuidado para não expor conteúdos pessoais, porém falava das possibilidades que o estágio trazia e da maneira como era realizado. Murilo ficou em dúvida se inveja era a melhor palavra para expressar a sensação de seus colegas e afirmou: “essa questão de um desejo de também ter esse espaço. Eu queria também ter esse espaço assim, eu queria também vivenciar isso e, ainda assim, estar me graduando. (Risos).

Começamos a falar das atividades culturais e do registro no diário de bordo. sobre essas duas exigências do estágio, Murilo se colocou:

Então, a gente tinha essa possibilidade e até criava um requisito pra gente conseguir se ver, se encontrar, fora do espaço da, da... graduação mesmo, né? Dos estágios... porque, querendo ou não, um evento cultural a gente pode experimentar na nossa vida pessoal sem, necessariamente, estar vinculado com a graduação, mas quando você percebe que isso fornece requisitos, né? Subsídios, pra uma visão de mundo, pra ampliação, pra conseguir tá presente, pra conseguir se enxergar, pra dividir a situação com o outro, né? isso ganha um aspecto totalmente diferente. Ganha outra dimensão, né? Uma coisa é você assistir um filme, uma outra coisa é levar alguém que está se graduando com você pra assistir um filme, colocar aquilo dentro de uma atividade, e dar uma dimensão, e dialogar sobre aquilo e trazer angústias e conflitos que aquilo lhe causou, né?

Perguntei sobre o registro da experiência vivida no diário de bordo e no relatório e sobre como se sentia por ser obrigado a registrar. Ele me disse:

“Porque você não se preocupa com aquilo só internamente, você tem que criar relatório acerca daquilo, né? Você tem que se expressar, colocar em palavras aquilo que você vivenciou, né? (...) Eu diria até que obrigado é uma palavra.... Frente à possibilidade que a gente teve, né? Eu diria que seria uma palavra até um pouco pesada, mas... Tínhamos que nos colocar, né? Tínhamos que nos colocar, seja por relatório, seja verbalmente, né? Mas tínhamos que falar sobre a experiência.”

Ele disse que o registro abriu uma dimensão totalmente diferente:

Você num é um ser que fica lá reproduzindo, né? Tal autor disse isso, tal autor disse aquilo... Não! É... São minhas sensações, sou eu presente, eu diria que minhas sensações, até mesmo esse estar. Essa possibilidade de estar.

Falamos das características das produções escritas exigidas pelo estágio de OC. Murilo disse que elas vinham “quase como uma gratificação”. E justificou a gratificação por exigir dos alunos que se colocassem de modo pessoal, resgatando suas sensações ao vivenciar determinada atividade. Novamente, frisou a diferença de ter que traduzir seus sentimentos por palavras que pudessem comunicar ao outro a sua vivência.

Perguntei se ele gostaria de colocar mais alguma coisa e ele disse:

Eu gostaria que fosse obrigatória a experiência (risos) para quem se formasse porque é uma possibilidade muito grande de se olhar num espaço que você tem certezas quanto a sua prática. Que você tá em formação, porque, querendo ou não, quando você entra, quando você inicia a graduação, você tem a visão de um psicólogo clínico, né? É um psicólogo que tá no consultório, faz anotações e tal, e que tem esse exercício clínico, né? Aos poucos a gente vai tendo essa dimensão, mas eu acho que na minha, tendo esse retrospecto, o ápice eu posso considerar mesmo a OC. Por todas essas condições que foram colocadas. A possibilidade de se colocar, de não ter a preocupação direta e exata com... com concretudes, né? e... poder estar presente. Isso só vem a acrescentar. Só vem a acrescentar mesmo, dentro de

qualquer processo. Não só na graduação em si, mas se pode conciliar por que não? Deveria ser uma experiência obrigatória, né? Assim como a clínica é, poderia ter um, poderia fazer parte desse processo burocrático todo, né? Você vai fazer psicologia. Você vai ter uma profissão que tá relacionada com cuidar de pessoas e, não necessariamente, com psicologia. Então vamos lá: oficina de criatividade, né? ou algo que seja o mais próximo possível.

Perguntei qual o objetivo dessa obrigatoriedade e ele respondeu que seria

de estar presente! De não ser um... mecanismo de ação. (...) Se envolver, se envolver. Se relacionar, né? Ser empático, conseguir é... abranger perspectivas acerca do que você tá em contato. São tantas possibilidades. (...) Ser impactado pelo o que o outro traz, né? Impactar com o que você tá trazendo, né? Então, é... é um viver que cabe na rotina, no cotidiano, mas que se conciliar com uma prática profissional, só traz benefícios, se você está lidando com pessoas.

Encerramos a entrevista e agradei pela disponibilidade em me concedê-la.

Nos despedimos com um abraço e um beijo.

4.1. Análise da entrevista com Murilo

Após a elaboração da síntese da entrevista passei a destacar as unidades de significado relacionadas às suas experiências como estagiário da Oficina de Criatividade. Encontrei inicialmente 9 unidades de significados, a saber:

1. Possibilidade de se colocar;
2. Mudança na visão da postura do psicólogo;
3. Abertura para o outro;
4. Ampliação da percepção de si, de nomear percepções e sentimentos;
5. Possibilidade de prática psicológica;
6. Ampliação da percepção de si e do outro, no grupo;
7. Envolvimento com o estágio que extrapola o espaço da supervisão;
8. Arrependimento de quem não optou por OC;
9. Peculiaridades do método da OC.

Murilo trouxe, em diferentes momentos da entrevista, sua surpresa em vivenciar um estágio no qual ele poderia se colocar de modo pessoal, sem necessidade de usar alguma teoria já aprendida. Inicialmente ele identificou a experiência como bastante satisfatória e afirmou o “receio que tinha em acertar ou errar diante da necessidade de se colocar nos estágios práticos”, pois nos outros não havia espaço para se colocar de modo pessoal. Sua experiência com

a OC ficou marcada pela liberdade de poder estar presente e se colocar com espontaneidade.

Essa possibilidade foi tão benéfica, surpreendente e inédita para ele que, em uma das atividades propostas, afirmou que ela “se tornou um desafio de superação durante uma semana”, o que evidencia seu envolvimento com o estágio e o quanto ele se fez presente no seu cotidiano. Com entusiasmo, falou da diferença entre se ver atuando, como um psicólogo reprodutor de conhecimentos teóricos e se ver atuando a partir das suas sensações e, também, de seu modo próprio de ser. Esse modo de atuar exige que ele esteja intimamente implicado na situação/experiência e provoca reflexões que favorecem o autoconhecimento.

Murilo afirmou que “estar presente e poder falar de suas experiências e vivências são um respaldo a todo o arcabouço teórico” que possuía. Nesse sentido fez uma associação entre o objetivo do estágio em OC, que exige dos alunos que se coloquem pessoalmente, e o reconhecimento de um modo de ser profissional. Disse que isso só foi possível devido à peculiaridade do método de ensino da OC.

Ainda sobre o método utilizado no estágio vivencial, Murilo destacou a possibilidade de experimentar as diversas atividades propostas, trazendo-as para a vida social, cotidiana. Falou sobre as atividades culturais e sobre a surpresa diante do impacto de passar a considerar “as expressões culturais como subsídios para uma visão de mundo, para a ampliação do horizonte de possibilidades”. Destacou que a inclusão da obrigatoriedade de realizar atividades culturais trouxe uma nova dimensão e uma nova atitude como expectador. Falou que buscar dar um sentido àquela experiência tornava-a mais intensa, inclusive trazendo, algumas vezes, angústias e conflitos.

Além dessas características, a possibilidade de se colocar pessoalmente em um estágio favorecia “o estar junto, o relacionar-se e o envolver-se”. Esse envolvimento, que inclui a liberdade de se colocar, exigiu o cuidado com o outro, a preocupação de como o outro receberia o seu olhar sobre ele.

De modo intrincado, a possibilidade de se colocar leva à necessidade de cuidado com o outro na vivência experimentada com o grupo. Essa se revelou

satisfatória para ele e responsável por favorecer o aprofundamento pessoal das questões trazidas. Ele afirmou que, ao assistir um filme na supervisão, o grupo ofereceu suporte e favoreceu seu envolvimento, e ele viu-se emocionado e tocado por uma questão social que até então passava despercebida.

Murilo afirmou que o grupo lhe trouxe o sentimento de “ter com quem contar”. Percebeu que era visto pelos outros e que sua presença podia causar preocupações, o que reafirmava a necessidade do cuidado ao se colocar para o outro.

A vivência em grupo contribuiu para Murilo se conhecer melhor, pois exigiu que nomeasse no grupo suas emoções e percepções, o que favoreceu a sua compreensão do que vivia. Assim, as atividades propostas e o compartilhar das experiências favoreceram a ampliação da percepção de si.

Nesse sentido a OC inaugurou uma abertura para o outro em Murilo. Inicialmente ele passou a perceber similaridades e antagonismos com seus colegas, o que lhe causou surpresa. Porém, com o passar dos encontros, “aprendeu a se identificar” com os colegas, o que o levou a rever sua postura. Afirmou que “mantinha distância de pessoas que o irritavam”, mas, após ouvir suas colocações pessoais na OC, “não tinha como não aprender a olhar pro outro de uma maneira mais íntima”. Em seguida, Murilo disse que a percepção do outro fez com que ele reconhecesse coisas de si, incluindo pré-julgamentos. Reafirmou a relação dialética entre a disposição de se abrir para o outro e a ampliação da sua autopercepção. Sobre novas percepções de si destacou a possibilidade de se aproximar e de se distanciar, além de poder estar atento às suas sensações corporais e suas angústias para, posteriormente, separar o que era dele e o que poderia ser do outro. Em suma, Murilo afirmou que a experiência favoreceu uma relação dialógica entre a prática profissional do psicólogo e a possibilidade de voltar-se para si pessoalmente e, então, atuar.

Sobre as possíveis ressonâncias de ter cursado o estágio vivencial para a sua formação profissional como psicólogo destacou que “diante de um paciente não tem aflição de fazer certo ou errado”. Admitiu a possibilidade do não saber e suas incertezas. Assim, a OC propiciou uma mudança na sua visão da postura do psicólogo. Falou do seu entendimento anterior de que o “psicólogo devia

evitar totalmente estar pessoalmente”, e considerou que “o não se permitir tocar no que está sendo apresentado” induz a perguntar: “como a gente vai reagir de uma forma própria?”

Novamente Murilo trouxe a importância de poder se aproximar e se distanciar do outro, postura necessária para a atuação do psicólogo. Nesse sentido, diante das expectativas e dos questionamentos dos colegas sobre a profissão, ele disse que ter feito a OC contribuiu para a sua apropriação das possibilidades e dos limites do trabalho do psicólogo e para a solidificação das diversas áreas e modos de atuação do psicólogo, além de oferecer uma possibilidade de prática psicológica.

Expôs o arrependimento dos colegas que não optaram por fazer o estágio em OC. E atribuiu esse arrependimento ao desejo de ter a oportunidade de estar presente, de poder focalizar as interações pessoais e todas as emoções e desafios que se relacionar implicam.

Ao finalizar, Murilo afirmou que a experiência em OC deveria ser obrigatória, pois acredita que é “uma possibilidade muito grande de se olhar num espaço que você tem certezas quanto a sua prática”.

CAPÍTULO 5 – NAIR

Encontrei Nair em seu consultório em um sábado a tarde. Ela me recebeu bastante entusiasmada, pois fui sua professora no 5º e no 6º semestres do curso de graduação e não nos víamos há 4 anos.

Iniciamos a entrevista e ela me contou que cursou o estágio vivencial de OC, além dos estágios em Hospitalar e Clínica, na abordagem fenomenológica. Estava formada há dois anos e exerce seu trabalho como psicóloga clínica e psicopedagoga.

Quando perguntei do que ela se lembrava sobre OC, Nair respondeu:

Bom, o que eu me lembro é... que foi muito valioso para mim, né? pessoalmente muita coisa... foi me mostrado muita coisa, e como a gente tá já que meio no último ano, você vê o quanto você se desenvolveu desde o primeiro. A oficina, né? Já diz o nome, oficina de criatividade, você tem essa liberdade de criar, e essa liberdade de criar te mostra aquilo que você tem aí dentro de você. Então é tudo muito espontâneo, é meio que, assim, um encontro com você mesmo. Foi isso o que eu senti, senti bem claro isso daí.

Esclareceu que este sentido era vivido de modo geral. Questionei se ela se lembrava de alguma atividade específica e Nair falou do pedido da professora para cada estagiário “se envolver consigo mesmo, com a gente mesmo, então, a gente teve esse envolvimento com a gente mesmo, e aquilo que saísse era muito nosso.”. Lembrou-se de uma atividade de pintura com tema livre e disse:

E aí nós compartilhamos essa leitura, né? Saíram quadros... assim, ah... foi um envolvimento muito forte, que eu me lembro bem, é... que muito de nós, alunos, ex-alunos da época, teve choro, né? Teve muito riso, teve choro, teve muito riso, ah, teve insights assim de a pessoa olhar uma pra outra, e falar *caracas!* Era isso que eu não compreendia, e assim foi muito legal.

Nair buscou recuperar o conteúdo do insight vivido e com convicção afirmou:

Pra mim a pintura me trouxe uma, uma visão de que eu via a vida muito 8 ou 80, era muito radical nas coisas, eu queria quebrar essa radicalidade, mas eu não sabia como. Eu achava que quebrando essa radicalidade eu seria fraca, uma pessoa fraca, né? E me encontrei muito, foi muito bacana porque aí, usei cores, eu gosto do colorido tudo, mas os meus traços, os meus riscos, (...)

Ao tentar explicitar o sentido da experiência, Nair falou da vivência de poder se expressar:

(...) e a hora que eu ia..., não tinha nada pronto, a hora que você ia falando do seu quadro, a hora que eu tava falando do meu quadro, éé... eu dava um sentido, um significado pra aquilo que não era premeditado, eu lia e falava, lia e falava, né? Então eu vi assim que não tinha essa necessidade de eu ser tão radical assim com a vida, comigo mesmo, imagina com o outro. Isso me preocupava muito. Foi muito legal, liberar tudo isso foi muito legal, e compreender, essa oportunidade de você falar, exteriorizar, verbalizar, faz, é um caminho de reflexão, de enxergar. Foi muito legal.

Ainda sobre essa atividade afirmou que o quadro que ela fez era bastante abstrato e representava sua pessoa não em palavras, mas no conteúdo. Visando entender a qual conteúdo ela se referia, pedi que o destacasse. Ela respondeu:

O conteúdo da radicalidade, né? De que não precisava ter uma leitura de mundo assim. Que o mundo tem as suas dificuldades, mas que tem também meios de ultrapassar essas dificuldades. Então, de contar até dez antes de falar, né? Uma ansiedade muito grande que eu tinha, talvez até de esconder, hoje eu vejo, algumas coisas que era muito radicalizadas em mim, né? Então, ééé... foi muito interessante porque eu não tive medo de falar, foi uma coisa gostosa de falar e foi uma coisa muito suave, com conteúdo muito forte, mas muito suave. Então, me proporcionou essa ideia de que eu tinha outros caminhos.

Nair relacionou este insight com as qualidades necessárias para a profissão escolhida, que ela desenvolveu em OC:

De, de vida. Daquilo que eu ia exercer. Em relação, principalmente, em relação à psicologia que é o trabalho direto com o humano, com toda essa criatividade, com toda essa criação, com tudo isso que ia vir como profissão. Assim, essencialmente, não tem como não mexer com o pessoal. Então foi uma coisa que eu vi que era muito importante eu enfrentar pelo meu trabalho.

Perguntei como era perceber tal característica em si e ela falou de algo que está encoberto e que vem à luz:

O mais legal de tudo isso é que todos os dias você se dá conta, você não identificava isso todos os dias, você sofria, eu sofria pela radicalidade, mas não a enxergava. Da onde está vindo, o que que é isso, então isso, entre aspas, me dominava. Eu era cega, né? pra isso. E daí como eu... enxerguei, abriu-se as cortinas, né? A cada momento que eu ia ter uma ação radical, por exemplo, caracas, não, não preciso mais disso. Isso me pertence, mas de outra forma, né? Então, através disso foi uma, através dessa, dessa... compreensão aí, a minha existência como pessoa, a minha relação com o outro foi se aprimorando, digamos assim, foi se lapidando, então isso me deu uma abertura imensa.

Ao entender que Nair falava de seu modo de se relacionar com o mundo, perguntei se ela via repercussões do que tinha percebido em outras esferas de sua vida. Ela, entusiasmada, disse:

Uau! Como! Tanto é que repercute que, assim, relacionamento com esposo, sou casada há nove anos, ah... relação com familiares, (...) a gente identificar, olha, o que você pensa dessa tua atitude, e tendo como experiência a sua própria vida, é um resultado bárbaro.

Busquei me aprofundar no tema, e pedi que falasse como percebe a sua radicalidade. Sem hesitar Nair falou: “Quando se faz presente. E isso se faz muito mágico. É muito bacana. Muito legal. Então, quer dizer, sai de mim, literalmente de mim, porque eu descobri isso, né?”.

Perguntei se ela se via sendo radical atualmente. Ela disse:

(...) de repente é algo que eu aprendi com o decorrer da minha vida aí, e num dado momento, eu descobri que isso não era tão saudável. Então isso é meu, essa radicalidade. Não precisa ser curado de nada, não é uma patologia, é uma existência, uma forma de existir que me acarretava muitas coisas. Então, isso existe dentro de mim, até hoje, mas eu consegui identificar e daí consigo adequar, as coisas ficam mais leves, fica mais legal.

Falou, então, de como lida com sua radicalidade:

“Consigo seguir ir, por um caminho consciente, (...) de que não precisa ser, necessariamente, um caminho que eu conheço, pode ser um caminho desconhecido que me leva à coisas boas também, né? Daí eu me sinto na liberdade de não ir para o caminho radical.”

Em seguida, falou sobre o impacto dessa descoberta em sua vida:

Olha, isso trouxe vida para as minhas relações. É, é... Eu saí de um enquadramento, no qual eu ficava, eu ficava num quadrado. Eu tinha que me enquadrar em algum lugar, e hoje eu posso pertencer à qualquer tipo de relação de uma maneira mais suave, de uma maneira mais tranquila, de uma maneira, até posso dizer, mais segura, mais auto confiante de mim mesmo, né? Vem uma auto confiança, de você descobrir isso, pra mim veio uma auto confiança muito grande, de me dar a oportunidade de, de repente consertar aquilo que eu errei, por exemplo, porque antes eu não podia errar. Então, a relação com outro, seja, no trabalho, seja como psicóloga, ou em um outro trabalho secular, ou com família, com familiares, com esposo, amigos, enfim, o social quando eu vou me relacionar com o social, é... não me pesa.

Na tentativa de afinarmos nosso entendimento, perguntei a que outras formas de viver ela se referia:

Tolerar acho que é muito importante. Em relação a ser tão rígido, porque a rigidez não dá tolerância nenhuma, nada. Sim, sim, eu não preciso necessariamente, eu vou em dado ambiente, não gosto daquele ambiente, vamos dizer que antes dessa descoberta, digamos assim, eu batia o pé e dizia, aqui eu não fico, aqui eu vou embora. Eu perdi aquele momento, né? Hoje, o que eu faço? Peraí, dá pra ficar e eu acabo descobrindo que, que, que, na, naquele ambiente, naquele momento, tem algo pra me dar. E aí eu consigo, assim, nada forçado, muito natural, muito... mais maduro. É isso que eu vejo. Acho que de repente pode ser isso daí, esta... uma maturidade de, de enfrentamento das coisas.

Perguntei como a atividade realizada na OC despertou essas reflexões.

Ela disse:

Foi um estalo mudou, foi bem assim, foi meio que mágico o negócio, assim. A partir daí eu não posso falar que foi igual. Seria injusto eu falar que foi igual. Não seria nem correto falar que foi igual. Não foi igual. A

partir desta atividade, eu fui embora super pensativa, inclusive a gente... como eu moro em Itu e estudava em Sorocaba, eu pegava carona com outra colega, e eu vim conversando todo o tempo sobre isso no carro, e foi algo bem marcante.

Naquele momento Nair passou a falar das relações criadas no grupo e de como os conteúdos acessados no estágio se faziam presentes no dia-a-dia dos seus integrantes: “Foi tão marcante que a gente compartilhava. (...) naquele momento, nossa, a gente não queria que terminasse a noite, né? De tanta coisa que a gente conversava. Foi muito bacana. Foi muito positivo pra mim”.

Falamos sobre a importância da OC para os outros estagiários, porém ela não se lembrava das atividades culturais realizadas. Na tentativa de manter nossa conversa sobre essas lembranças perguntei se houve outra atividade significativa. Ela falou de uma atividade que foi realizada de olhos vendados e em dupla. No momento seguinte cada pessoa deveria apresentar o colega, e assim entramos no tema da responsabilidade e do cuidado. Ela disse:

Então, ah, eu sou assim, assim, parece bobagem, mas foi bem complexo, assim, falar do outro, ser o outro ali, foi... é... não é que foi perigoso, foi uma experiência também bastante forte, porque ser o outro, estar no lugar do outro, a gente tem que tomar alguns cuidados de ferir, alguma coisa assim, mas foi muito legal também. Foi muito bacana.

Explicou que grande parte dos integrantes agiu com cuidado, incluindo *“aquele que me representou também. Senti muito.”* Pedi que me explicasse qual a responsabilidade e qual o cuidado:

Essa responsabilidade é exatamente o cuidado, né? O cuidado de alguém que está próximo, o cuidado de alguém que, que... tinha uma perspectiva ou uma expectativa de aquilo que a gente ia falar, né? (...) então foi nesse sentido, de cuidado de não, ah... de não invadir o outro, de ser o outro, mas não invadir o outro, né? Então esse era o cuidado que a gente tinha. (...) era a característica que a gente considerava, e... e... com esse cuidado de não inventar, ou de não misturar em ser você com um pouco do outro. Tinha que ter esse cuidado. Tinha que ter esse cuidado. Isso foi até solicitado para a gente que foi muito bacana, foi um exercício bem reflexivo, bem de... bastante atenção, foi muito legal, né? Então, você, tem você, o outro é o outro. Meio que uma suspensão de alguma coisa ali, do nosso eu, a suspensão por alguns minutos para enxergar o outro em si mesmo.

Perguntei ao que ela estava se referindo como suspensão. Nair afirmou: “Do meu achismo, do meu pensar, do meu. Não invadir o meu eu com o eu do outro”. Em seguida contou como foi ouvir a descrição do outro sobre ela:

Então, trouxeram características muito minhas (...) mas como resultado eu fiquei muito feliz. Muito feliz porque, assim, a forma com que me enxergaram, isso é muito importante, isso é um dos sentidos que faz na nossa vida, a gente precisa desse sentido do que o outro pensa da

gente, a gente acaba se compondo nesse outro aí, é... eu fiquei feliz, fiquei feliz com a forma que me descreveram, né? Então é bem característico mesmo, eu achei legal porque não teve nada oculto, então eu sou bem eu mesmo, mesmo nas minhas falhas, nos meus erros, aí, apontaram tudo, falaram tudo, então eu falei, é bem isso, legal, é isso aí mesmo. Então, foi muito legal, muito legal pra mim. De eu ser essa, não sei se eu posso chamar isso de autenticidade, mas assim, foi isso que eu senti: *Caracas, eu sou bem autêntica mesmo!* As pessoas lembram de mim desse jeito, né? E achei muito bacana. Muito legal. Mexeu com a auto confiança também.

Nair focou, então, a experiência de compartilhar vivido na OC:

O compartilhar é... parece que é algo fácil compartilhar, mas não é não. Requer aí uma, uma entrega, o compartilhar tem uma entrega muito grande de cada um, então, quando nós compartilhávamos, e funcionava assim, nós fazíamos a atividade, e a gente compartilhava, mesmo que não desse tempo no dia, a gente compartilhava na outra aula, muito importante, e aí, o que que era percebido, e o que foi percebido. Esse compartilhar, numa das falas, geralmente no final, nós tínhamos uma coisa em comum, o desenvolvimento da turma, né? E o que eu percebi: o desenvolvimento da turma nada mais é do que o crescimento de cada um, o desenvolvimento de cada um. Isso era muito falado. Então, quando a gente compartilhava, a gente conseguia perceber, assim, do primeiro dia ao último dia do, do semestre, mediante atividades, tudo, a gente via esse crescimento, muito interessante, muito legal.

Pedi que me descrevesse o que significava o desenvolvimento do grupo e ela disse que o grupo, diante da necessidade de fazer uma escolha, “entrava em uma guerrilha, e hoje eu posso ver que era uma, uma... certa imaturidade.” Afirmou que, com o passar dos encontros, o consenso entre os integrantes do grupo se dava de modo mais harmonioso. Ela atribuiu essa mudança ao aumento da maturidade dos participantes. Ao descrever o que entendia por maturidade, afirmou: “eu acredito que seja assim, o envolvimento com o outro, o respeito com o outro, a capacidade de escuta do outro, né? O reconhecimento desse outro, as diferenças desse outro.”

Assim, compreendemos juntas que o reconhecimento do outro exige que cada pessoa seja capaz de sair de sua própria referência, o que coincide com o movimento pessoal dela ao se dar conta da sua radicalidade. Visando aprofundar o lugar que a sensibilidade para o outro ocupa, retomei o momento do compartilhar e os seus efeitos, Nair retomou um efeito vivido por todos os participantes:

(...) se você perguntar para todos os alunos eles vão dizer a mesma coisa por causa do tamanho da importância....era muito cindido o grupo, era muito separado, nós estávamos já no quinto ano e, e, e... era uma cisão muito nítida, muito grande e assim, pessoas muito diferentes uma das outras e que teve um resultado que até hoje a gente se fala, né? E

é incrível, coincidência ou não, mas o grupo de oficinas se fala mais, né? (...) Então trouxe essa, essa novidade de vida e, digamos assim, esse entrosamento um com o outro de uma maneira muito natural, ficou muito legal, ficou muito bacana.

E acrescentou: “No meu ponto de vista, fica muito claro o seguinte, é, é... sem medo de pecar, eu acho que foi promovido pela oficina de criatividade (...). Então, a oficina de criatividade é... promoveu que cada um, cada aluno se visse e visse o outro.”.

Perguntei qual o lugar que o aprendizado de compartilhar experiências pessoais, em um estágio curricular, ocupava em sua vida. Ela respondeu:

Olha, um lugar central. Um lugar de uma importância que eu acho assim, só pelas minhas falas dá pra se basear que é fundamental, fundamental. Essa é a palavra, fundamental. Eu dizer mais palavras além do fundamental, eu vou estar repetindo tudo aquilo que eu acabei de falar.

Diante da intensidade do relato, perguntei se ela poderia destacar os aprendizados favorecidos pela OC. De modo claro ela falou:

Sim. Então vamos lá. O que está dentro desse fundamental? A auto percepção, o auto conhecimento, a estima, a maturidade psíquica, o envolvimento com o outro, sem tanta sofrência da coisa, no profissionalismo, eu como atuo como psicóloga vejo a importância disso diariamente, né? na minha escuta pelo outro. É isso!

Assim, encerrei a entrevista com Nair.

5.1. Análise da entrevista com Nair

Após a elaboração da síntese, passei a destacar as unidades de significado relacionadas às suas experiências como estagiária da Oficina de Criatividade. Encontrei inicialmente 8 unidades de significados, a saber:

1. Possibilidade de se colocar;
2. Abertura para o outro;
3. Ampliação da percepção de si, de nomear percepções e sentimentos;
4. Ampliação da percepção de si e do outro, no grupo;
5. Envolvimento com o estágio que extrapola o espaço da supervisão;
6. Peculiaridades do método da OC;
7. Retrospectiva pessoal e encontro consigo;
8. Mudanças pessoais que ressoaram em outras esferas.

Durante a entrevista Nair focou nas mudanças pessoais que ela percebeu como iniciadas no estágio vivencial de OC. As unidades de sentido destacadas apresentam uma relação imbricada entre si, pois ao mesmo tempo em que Nair reconheceu que muitas coisas sobre si foram trazidas à tona, estas contribuíram para que ela pudesse enxergar seu desenvolvimento pessoal e emocional ao longo da graduação. Desse modo, afirmou que na OC “você tem essa liberdade de criar, e essa liberdade de criar te mostra aquilo que você tem aí dentro de você. Então é tudo muito espontâneo, é meio que, assim, um encontro com você mesmo. Foi isso o que eu senti, senti bem claro isso daí”. Esse movimento ilustra como a OC contribuiu para que ela, a partir da possibilidade de se colocar pessoalmente, se encontrasse consigo mesmo e ampliasse sua percepção de si.

Falou que estas características foram vividas de modo geral, pois a professora, com bastante clareza, pedia para que os estagiários, durante as atividades, se envolvessem consigo mesmos, sendo este um dos objetivos centrais das atividades. Lembrou-se de uma atividade que pedia uma pintura com tema livre, em tela e com tintas. Ao lembrar essa atividade, retomou a experiência de compartilhar e afirmou que houve “um envolvimento muito forte” de todos os participantes, que se evidenciou a partir do riso, do choro e dos insights. Isso favoreceu a ampliação da percepção do outro, no grupo.

Ao se aprofundar sobre o insight vivido, Nair afirmou ter acessado seu modo pessoal de se colocar no mundo, que ela traduziu como radicalidade. Esta foi acessada por meio dos materiais utilizados e da proposta, que exigiu que ela pintasse um quadro que a representasse; isto ocorreu a partir das cores e dos traços de sua produção abstrata. Os significados da sua obra foram revelados no momento em que ela compartilhou sua produção com os colegas. Esses significados foram impulsionados pela oportunidade de se expressar, que se desdobrou como “um caminho de reflexão, de enxergar”.

Naquele momento da entrevista o foco voltou-se para os desdobramentos vividos por Nair ao se perceber adotando um modo radical na vida consigo e com os outros. Inicialmente ela se preocupou em cuidar para que essa característica pessoal não permeasse seu encontro com o outro. Porém, paradoxalmente, acessou esse conteúdo pessoal forte de modo muito suave no momento em que

explicava o sentido do quadro para o grupo, o que a fez acessar a possibilidade de novos caminhos e modos de lidar com a realidade. Aqui a ampliação da percepção de si, nomeando sentimentos e características, articula-se com a percepção de si e do outro no grupo.

Em seguida Nair falou da sua preocupação ao perceber a distância entre as suas características pessoais e as qualidades necessárias para o exercício profissional do psicólogo. Assim, contrapôs seu modo radical de se colocar no mundo com a importância da criatividade para o trabalho com o humano. Diante dessa contradição ela admitiu para si a importância de enfrentar sua radicalidade para poder ser uma profissional mais compreensiva. A possibilidade de falar e se aprofundar sobre essa experiência na entrevista evidenciou a articulação entre o encontro consigo, a ampliação da percepção de si, a abertura para o outro e as mudanças pessoais.

A novidade com que acessou seu modo de ser radical favoreceu que Nair recuperasse partes da sua história pessoal, deparando-se consigo mesma e identificando no seu dia-a-dia essa característica. Ela afirmou que a partir dessa compreensão sua relação com o outro foi se aprimorando, sendo lapidada e trazendo-lhe maior abertura. Afirmou também que poder identificar sua atitude, fazendo uso da experiência da própria vida, tem um resultado bárbaro, e contou que essa mudança também repercutiu em suas relações pessoais e familiares. Atualmente lida com a sua radicalidade sabendo que há outros caminhos a serem percorridos, o que lhe traz mais opções de ação. O impacto de acessar uma saída para a sua radicalidade trouxe mudanças pessoais que repercutiram em diferentes esferas da sua vida, e ela afirmou se sentir mais confiante e a estar no mundo e com o outro de modo mais leve.

Nair falou dos desdobramentos de perceber-se radical e ter encontrado uma nova possibilidade de se relacionar, que ela denominou tolerância. Esta permite que ela esteja aberta a viver outras possibilidades que até então não estavam disponíveis. Contou que isso acontece de modo natural e concluiu: “É isso que eu vejo. Acho que de repente pode ser isso daí, esta... uma maturidade de, de enfrentamento das coisas”.

Falou que a atividade possibilitou uma mudança imediata no seu modo de ser. Ilustrou o impacto com a necessidade de continuar falando sobre suas reflexões com os colegas fora do espaço destinado ao estágio. Esta necessidade evidencia seu envolvimento com o estágio que extrapola o espaço da supervisão.

Em seguida, ao falar de outra atividade marcante, trouxe uma atividade que aconteceu em duplas, na qual cada um deveria apresentar o colega. Esta atividade favoreceu a ampliação da percepção de si e do outro no grupo. Naquele momento Nair falou da responsabilidade e do cuidado necessários para se dirigir ao outro e afirmou a exigência de “não misturar em ser você com um pouco do outro”. Por outro lado, ouvir uma descrição sobre si que incluía suas qualidades e defeitos fizeram-na ficar feliz por ter o reconhecimento da sua personalidade autêntica, contribuindo para sua autoconfiança.

Nair falou sobre a importância do compartilhar como parte fundamental da OC. Esta habilidade foi se aprimorando com o passar dos encontros e se manifestou no desenvolvimento do grupo, que é também reflexo do desenvolvimento pessoal de cada integrante, evidenciando a peculiaridade do método da OC. Atribuiu o desenvolvimento do grupo ao aumento da maturidade de cada participante que inclui possibilidade de escuta e reconhecimento das diferenças. Ela falou de um efeito vivido por todos os integrantes, que diz respeito a união vivida. Contou que estavam no quinto ano da graduação e havia uma cisão entre os alunos da sala, mas os estagiários de OC passaram a se entrosar e isso resultou na formação de vínculos que perduram até hoje. Com espanto, Nair afirmou: “é incrível, coincidência ou não, mas o grupo de oficina se fala mais”. Para concluir ela disse que a OC “promoveu que cada um, cada aluno se visse e visse o outro”. Sobre o lugar que o aprendizado de compartilhar experiência pessoais durante a graduação ocupa em sua vida, limitou-se a dizer que é um lugar central, fundamental.

Diante desse relato, pedi que destacasse os aprendizados favorecidos pela OC. Ela claramente disse: autopercepção, autoconhecimento, maturidade psíquica, envolvimento com o outro e escuta.

CAPÍTULO 6 - LUANA

Luana chegou pontualmente para nossa entrevista. Mostrou-se interessada em participar, embora estivesse com dúvidas sobre como seria.

Contou-me que trabalha, atualmente, na área de recrutamento e seleção de uma empresa e, aos domingos, faz atendimentos psicoterápicos em uma comunidade, juntamente com outros dois profissionais. Esses atendimentos são gratuitos e se direcionam ao público adolescente e adulto.

Sobre a Oficina de Criatividade falou sobre a saída dos alunos a campo para atender um grupo. Ao ser questionada sobre essas lembranças, disse que o que mais a marcou foi o impacto das atividades na percepção de si mesma e do modo como os outros a percebiam, e também de como as relações eram vividas. Destacou que as atividades “que eu mais lembro, são as que mais me marcaram. (...) Que foi... quando a gente trabalhou da herança”. E justificou que a atividade da herança “era mais voltada para a família, e aí acabou vindo umas questões minhas mesmo, de relacionamento, de como eu me vejo na minha família, de como a minha família também me afeta”.

Falou de uma atividade que ampliou sua visão sobre si mesma, a de preencher o desenho do contorno de um dos participantes com as características que senxerga naquela pessoa. Naquele momento ela afirmou:

Eu achei bacana porque, às vezes, a gente não percebe, né? Não sabe o olhar que o outro tem da gente. A gente se vê de um jeito que na verdade nem é assim... a gente que imagina, né? Aí foi bacana porque eu pude até ver um outro lado meu, que eu não sabia que as pessoas viam (...).

Falou também da atividade da “massinha” e destacou o vínculo “bacana” criado entre as estagiárias que compunham o grupo de supervisão:

(...) um não podia um olhar pro lado; a gente fez junto a massinha, né? Que é esse contato, depois, na hora de montar, um não olhou para da outra, mas, eu acho que a gente tava tão... de alguma forma tão conectada, que o que cada uma fez, meio que compôs uma imagem, que tava próximo do que que cada uma pensou.

Questionada por que essas atividades a tinham marcado, respondeu:

Primeiro porque mexeu muito com... com meu eu. A minha imagem, de como eu me mostro pras pessoas e como eu imagino que eu seja. A

minha relação com a minha família, de como eu tô dentro dela e como ela mexe comigo e com as nossas relações, é... como isso mexe muito comigo. e também... essa outra da massinha, por exemplo, acho que da relação do... da minha relação com o grupo. Era um grupo que eu não tinha muito... eram pessoas que eu não tinha afinidades durante a faculdade, a gente se cumprimentava, falava, mas a gente não era próxima e acabou que se tornou um grupo muito bacana, uma ajudou muito a outra, então, de modo geral, eu acho que era mesmo a relação com o outro. De como que eu me vejo dentro dessa relação e como o outro me vê.

Naquele momento concordamos que o que mantém viva sua lembrança da atividade diz respeito ao modo como ela foi tocada ao tê-la vivenciado. As atividades que mais a marcaram estão associadas à possibilidade de enxergar e acolher algo novo em seu modo de ser. Pedi a ela que exemplificasse, para esclarecer, o que era que as pessoas viam nela. Luana retomou a atividade de preencher o contorno e disse:

(...) eu sou muito vaidosa, colocou o cachecol, daí eu lembro que colocaram algumas coisas, desenharam um coração, uma... um negocinho de fala, mas só para indicar que eu era uma pessoa muito simpática, que eu estava sempre sorrindo, ah sim, eu lembro que tinha um sorriso, o coração... porque me via como uma pessoa muito sensível, uma pessoa que tá muito próxima dos outros, que chega perto, que chega perto e ilumina o lugar. Às vezes, que eu sempre estava sorrindo, que eu sempre tava feliz... e era uma coisa que eu não via isso em mim. Então, é... eu me via de uma forma completamente diferente, então, prá mim, trouxe isso. Tanto, voltando pra mim, né? É... me trouxe esse outro olhar pra mim. Poxa! Eu mostro que eu sou assim, é porque eu realmente sou. E aí entrava muito em conflito com aquela atividade da herança que trouxe muito isso: de como que eu tenho uma relação muito complicada com o meu pai, com a minha mãe é diferente, eles são muito diferentes, aí eu me via muito mais parecida com ele do que com ela, por exemplo. E aí quando, nessa atividade tanto na da herança como essa, me mostrou que eu sou muito mais parecida com a minha mãe, que eu tenho aspectos dele, mas que eu sou muito parecida com ela, que é justamente essa leveza, essa coisa do sorrir, de... da bondade, de enfim, daí isso me trouxe uma visão de como é o olhar pro outro.

No momento em que a colaboradora uniu duas experiências distintas vividas na oficina, que contribuíram para que ela pudesse se aproximar do seu modo de ser, considerei importante apontar a contradição entre sua visão e a do outro sobre ela. Perguntei se as compreensões que havia vivido no estágio de OC faziam-se presentes no âmbito profissional. Luana respondeu de modo direto:

No profissional também porque eu... teve um momento que eu... eu confesso que teve um momento que eu duvidei se eu conseguiria... atender, ah, é... de atender, se eu ia conseguir de estar com o outro e aí isso me trouxe mais essa firmeza, essa segurança em, mim mesma. Então, é... me ajuda nesse sentido, na parte profissional, falando de..., da psicologia, da clínica, no trabalho, ou até mesmo na empresa que eu

trabalho, me trouxe isso: mais segurança. Eu vejo que eu, que eu consigo lidar com o outro de uma forma diferente e de uma forma muito mais segura do que antes, por exemplo. (...) Esse diferente seria conseguir compreender melhor o que o outro me traz. (...) uma segurança maior na hora de poder, de repente, é... fazer alguma intervenção, ou um feedback. Isso me ajuda, me ajuda nesse sentido.

Ao tentar entender melhor como a experiência de OC contribuiu para a sua vida, Luana abordou sua postura diante do outro e o modo de trabalho do psicólogo:

É diferente quando a gente se enxerga. Quando a gente é... quando a gente sabe o que o outro tá vendo da gente, a gente toma isso como nosso... Então é diferente de como a gente se porta perto do outro, é mais fácil, é... eu, por exemplo, eu me sinto mais segura, porque eu sei que não é... eu sou muito impulsiva, eu tenho um outro lado muito, eu sou impulsiva, impaciente, às vezes eu fico brava com alguma coisa. E aí eu consigo é... medir essa outra parte que é mais amorosa, que é mais... eu consigo equilibrar esses dois, essas duas características.

No âmbito profissional, (...) nos atendimentos no individual eu já usei algumas atividades que não precisava tanto do contato com o outro, mas eu acabei utilizando. (...) A nossa ideia de trabalhar com grupo é justamente trazer a Oficina, porque a gente vivenciou e a gente também trabalhou com o grupo. Então a gente sabe como que funciona, sabe de que forma... a gente sabe que pode ser muito mais prazeroso e vantajoso. Porque a gente, ao mesmo tempo que as pessoas tem um insight na hora que tá fazendo a atividade, tem uma troca entre as pessoas, então, me traz também mais uma ferramenta de trabalho.

Ao ser questionada sobre como esses insights ressoam em sua vida pessoal e profissional, claramente, ela disse:

(...) essa experiência me trouxe essa propriedade, então, quando... quando eu estou com o outro hoje, é de uma maneira diferente, eu consigo é... perceber em mim, qual que... eu reconheço esse meu outro lado, então, eu sei que não estou mostrando só meu lado impulsivo, que é nervoso e aí eu, automaticamente, eu trago pra mim, né? essa... esse lado mais calmo, aí eu respiro fundo e resgato isso dentro em mim, talvez não consciente... tipo ah eu lembro que... Não! Mas como, eu acho que isso se tornou pro... como eu me apropriei disso, automaticamente, eu tento me resgatar nesse outro lado.

Sua fala evidencia como Luana acessou características suas e como isso se faz presente no seu dia-a-dia. Em seguida perguntei se havia mais alguma contribuição da OC que ela percebia. Ela destacou a importância da relação em grupo e afirmou:

(...) só reforçando, que isso também foi muito importante: A relação do grupo. (...). O que a gente tinha em comum lá era a Psicologia e o fato de fazer oficina. Só que não tinha um tema específico, né? E acabou que o nosso grupo se tornou um grupo coeso, unido, nas atividades não era algo... é a gente... uma conseguia esperar o timing da outra, a gente se uniu muito, trouxe essa parceria, a gente se ajudava muito. Então, essa é uma outra característica da Oficina, é você integrar. E aí tinham questões que eu nem conhecia das outras meninas que acabou trazendo, que eram muito eram parecidas com o que eu sentia e com o

que eu vivenciei na minha vida, então, essa troca de vivências e experiências entre uma ou outra.

Falamos então sobre como a oficina mobiliza emoções e lembranças e sobre como, ao compartilharem histórias e percepções, os participantes encontraram pontos em comum, ou distintos, o que contribui para uma visão mais ampla do outro, além de oferecer apoio e a sensação de pertencer ao grupo. Luana colocou:

E acabou que uma apoiou muito a outra. Então, tinha momentos, tinha atividades que era muito mais forte pra uma, por exemplo. É... e aí no final, quando a gente tinha que falar, porque no final fazia, né? Cada uma falava... acabava que uma apoiava a outra, dava essa... dava força, sabe? Então você não se sentia sozinha. Não só pelo fato de... aí eu tenho um sofrimento, o outro também, mas pelo fato de não me sentir sozinha, de saber que tem um outro ali me acolhendo, que tá me apoiando, que tá do meu lado nesse momento de dor, entende?

Falou das mudanças que viveu no modo como se vinculava com as pessoas e explicou sobre seu lugar no trabalho na empresa:

Eu sou o apoio da minha gestora, então a minha função é acompanhar, tem a parte mais burocrática, enfim, mas eu também acompanho as nossas entregas... que são as vagas que a gente tem que fechar e aí a equipe, automaticamente, acho que eu não sei, acho que é porque eu tenho uma... por ser psicóloga, por ter essa sensibilidade. A equipe, muitas pessoas da equipe, analista, assistente, às vezes tá com um problema tanto no trabalho, com alguma dificuldade ou até pessoal, às vezes eu percebo e aí eu falo, tá tudo bem? (...) Então, quando alguém chega pra vir conversar comigo, ou então desabafar, ou então tá com alguma situação. Eu tento mostrar isso, mostrar que elas não estão sozinhas, que eu apoio, que eu tô junto (...). Às vezes você não precisa... às vezes a gente tem a ideia que a gente tem que dar conselho, que eu tenho que falar algo que... Não! Às vezes só o fato de você estar ali e mostrar que você está junto com a pessoa, que você apoia e tá perto, isso já faz todo sentido.

Perguntei a Luana se a OC tinha contribuído de algum modo para essa ampliação da sua disponibilidade afetiva de estar com o outro. Ela me respondeu:

Mas na Oficina você vivencia isso, é diferente quando você vivencia, a gente tá falando de algo concreto, a gente não tá falando de algo que tá no âmbito subjetivo, é uma vivência. Então, quando, é... eu vejo... a oficina acabou me trazendo isso... de quando você vivencia algo, você torna isso próprio seu, você traz mais sentido praquilo.

E... e pra mim fez tanto sentido que quando eu trazia pra família, por exemplo, porque na época eu utilizei algumas coisas com a família que eu atendia no estágio, fazia muito mais sentido pra eles, eles conseguiam é... olhar, enxergar coisas que eu vinha pontuando pra eles, a gente vinha fazendo intervenções que quando teve a atividade, tornou-se próprio pra eles e aí fez a diferença em alguma mudança positiva, entendeu? Então, quando se vivencia, pra mim a oficina é isso, você vivenciar algo, você construir algo se torna mais próprio seu.

Pedi que Luana esclarecesse a diferença entre adquirir um saber teórico e vivenciar esse mesmo saber. Ela me respondeu:

E aí você consegue enxergar o que é isso, né? Não é só apoiar. Mas apoiar, como? O que seria esse apoiar? Parece fácil, né? Mas o que que seria isso? Ah, eu tenho que falar pra pessoa: é... não, não fica assim! Não, não é isso. Apoiar é uma forma... é diferente, é você mostrar que você entende o que a pessoa está te trazendo, que você está com ela. Então, quando você vivência, você sabe de que maneira é... de que maneira conduzir isso, é... de que maneira fazer isso. (...). Então, isso se tornou muito mais, é... mais meu, próprio, entende?

Luana lembrou que alguns colegas, inicialmente, questionaram sua opção por OC, e que, no final, arrependeram-se por não cursar um estágio que os instrumentalizaria para a relação direta com o outro.

(...) quando a gente entrou na Oficina, é... muitas pessoas falavam: Ah, mas você vai lá e vai fazer só uma atividade. (...) Mas a Oficina de Criatividade, esse estágio que a gente fez, foi diferente, não é essa oficina terapêutica, é diferente, justamente, por ter um tema específico, e a gente trabalha com isso, a gente lida com isso, né? E vivencia isso, então te traz uma outra forma de... de trabalhar com o outro. A oficina, não só pra mim, sabe? É uma... Me trouxe uma forma de como trabalhar com as pessoas, pra mim acabou sendo, fazendo muito mais sentido do que só tá na clínica, e só conversar. Eu acho que a gente fazer algo é... junto com a pessoa, não só ela está construindo, mas ela também, ela... é um momento que também tá pensando, que ela sozinha está trazendo, sabe? Então, é... pra mim fez todo sentido, é completamente diferente do que a... do que aquela ideia de oficina terapêutica, por exemplo.

Destacou que a OC ofereceu um novo modo de acessar o outro e que os colegas que não optaram por OC

(...) vinham pedir pra gente dar ideias de coisas a fazerem com os grupos, que elas trabalhavam com escolas, elas fizeram estágio em escolar, também atendiam família... Aí elas vinham pedir essa ajuda pra gente. E elas falavam: poxa, putz, eu devia ter feito oficina! Nossa, seria uma boa ter feito... ah, eu tô pensando em fazer, se tiver um outro curso, fora da faculdade, eu penso em fazer. Então a gente acabou vendendo tão bem o que, o que a gente fazia lá, que muitas outras meninas vinham da, na faculdade e... Até hoje ainda, algumas que trabalham mais, com, com grupos, com clínica, enfim, às vezes, elas ainda vem pedir ajuda pra gente. De dar ideias do que fazer, do que trabalhar, do que trazer, enfim...

Perguntei se ela via, hoje, repercussões do estágio vivencial no âmbito profissional e pessoal. Ela disse:

Olha, muito... pros dois, pros dois. É pro pessoal, eu acho que... me trouxe... eu consegui me enxergar melhor, sabe? Eu consegui, eu consigo... hoje olhar de uma maneira diferente pra minha mãe, pro meu pai. Ainda existem questões que eu acho que são coisas muito mais profundas, mas enfim, não vem ao caso. Só que, eu como pessoa, pra mim mesma, é... faz acho que uns seis meses, que aconteceu isso. Eu tava num momento assim, eu tava muito nervosa, com muita coisa, né? Tem momentos na nossa vida que a gente se sente muito mal. E aí eu tava mexendo nas minhas fotos, daí eu vi uma foto da oficina (hum), e aí eu acabei lembrando de tudo que eu passei, do que eu vivenciei lá... e aí me trouxe uma energia diferente. Eu falei, putz, porque que eu não me lembro disso, né? E, aí, tem alguns momentos, né? Quando eu estou em casa, por exemplo, eu não tô bem, daí eu busco formas que

me tragam de volta pro que eu realmente... pro que eu realmente sou. E aí a oficina, ela acaba estando presente nessas situações. (...) Eu resgato isso. É uma forma de me resgatar.

Antes de encerrarmos a entrevista, ela afirmou: “eu não me arrependo de ter feito oficina. (...). Primeiro porque me ajudou muito como pessoa, mas também me trouxe um outro instrumento de trabalho.”. Agradei a ela por ter concedido a entrevista e ela conclui: “Eu que agradeço. Foi bom lembrar de como... resgatar isso, foi bacana.”.

Assim, finda a entrevista, nos despedimos.

6.1 – Análise da entrevista com Luana

O levantamento inicial das unidades de significado trazidas por Luana foi:

1. Mudança na visão da postura do psicólogo;
2. Abertura para o outro;
3. Ampliação da percepção de si, de nomear percepções e sentimentos;
4. Possibilidade de prática psicológica;
5. Ampliação da percepção de si e do outro, no grupo;
6. Envolvimento com o estágio que extrapola o espaço da supervisão;
7. Arrependimento de quem não optou por OC;
8. Peculiaridades do método da OC.
9. Retrospectiva pessoal e encontro consigo;
10. Mudanças pessoais que ressoaram em outras esferas.

Luana iniciou a entrevista afirmando que suas lembranças mais vívidas do estágio em OC estão associadas à possibilidade de perceber a si, ao acesso ao modo como o outro a via e à identificação de como as relações eram vividas. Assim, Luana vivenciou, por meio das atividades propostas em OC, uma retrospectiva pessoal e encontro consigo.

Destacou as atividades associadas a esses temas que foram mais marcantes. Inicialmente referiu-se à atividade de abordar a herança. Ela consiste em fazer uma colagem com lãs e linhas, no papel kraft, em resposta às seguintes questões: (1) O que herdei? (2) O que eu gostaria de ter herdado? (3) O que eu não gosto de ter herdado? (4) O que eu quero deixar de herança? Citou, também a atividade de trabalhar com massinha em silêncio e preencher o contorno do

outro (Capítulo 2, p. 23). Afirmou que com a atividade da herança vieram à tona questões pessoais, de relacionamento com seus familiares. Em seguida complementou que houve uma ampliação da percepção de si por meio da atividade de preencher o contorno do outro ao afirmar que “foi bacana porque eu pude até ver um outro lado meu, que eu nem sabia que as pessoas viam”.

Em seguida falou da importância do vínculo estabelecido entre os integrantes do grupo, evidenciado na atividade da massinha em silêncio, pois “a gente tava tão... de alguma forma conectada, que o que cada uma fez, meio que compôs uma imagem, que tava próximo do que que cada uma pensou”. Afirmou que a atividade da massinha ficou marcada, pois evidenciou a amizade e a intimidade construídas pelos estagiários, ampliando sua visão de como se relacionar, incluindo a ajuda e o suporte que o estar em grupo oferece. Sobre a atividade da herança, disse que mexeu bastante com ela, pois pôde se ver e se aproximar das interferências dos familiares sobre ela.

Apesar de Luana falar do seu envolvimento pessoal com o estágio e de como este foi importante, ela não descrevia claramente os conteúdos acessados. Pedi então que o fizesse. Ela falou que na atividade de preencher o contorno se surpreendeu com a descrição que fizeram dela, pois “era uma pessoa muito simpática (...) me via como uma pessoa sensível, uma pessoa que tá muito próxima dos outros (...) que chega perto e ilumina o lugar”. Afirmou que ouvir alguém reconhecendo e testemunhando estas características positivas conflitou com sua visão de si, vivida na atividade da herança, em que se via parecida com seu pai, que ela associava a uma pessoa impulsiva e nervosa. Naquele momento, diferentemente de na atividade da herança, se identificou com a leveza, a alegria e a bondade da mãe. Assim, ela conseguiu unir seus dois lados e estes integraram seu modo de ser. Isto favoreceu a ampliação da percepção de si e do outro no grupo.

Profissionalmente afirmou que duvidou de que conseguiria atender, porém as compreensões trazidas pela OC contribuíram para o aumento da sua segurança para intervir ou oferecer um feedback. Desse modo, Luana percebeu que consegue “lidar com o outro de uma forma diferente e de uma forma muito mais segura do que antes”. Isso acarretou uma mudança na visão da postura do

psicólogo e, ainda, suas mudanças pessoais ressoaram em outras esferas da sua vida.

Para explicar as contribuições da OC para sua vida, destacou duas áreas: a primeira foi a pessoal, na qual integrou dois lados opostos de sua personalidade, processo que teve seu ápice na percepção do outro sobre sua amorosidade, contraposta à visão que seus familiares tinham dela como alguém impulsiva e brava. Esta integração lhe trouxe segurança nas relações. A segunda área foi a profissional, na qual o contato com a OC resultou em uma possibilidade de prática psicológica, até então desconhecida.

Sobre as ressonâncias dos insights vividos na OC, Luana retomou a revelação de suas características opostas, que ocasionou um conflito pessoal que foi importante para a apropriação de si. Falou da importância do grupo para acessar conteúdos e poder vivenciá-los, o que também favoreceu a abertura para o outro. Como característica fundamental da vivência grupal, trouxe o acolhimento e o sentimento de pertencer ao grupo, de não estar sozinha.

Sua visão da postura do psicólogo também mudou, pois “às vezes a gente tem a ideia que a gente tem que dar conselho, (...) Às vezes só o fato de você estar ali e mostrar que você está junto com a pessoa, que você apoia e tá perto, isso já faz todo sentido”.

Para Luana a OC exige que os estagiários vivenciem as experiências e esta vivência favorece a apropriação dos conteúdos acessados; isso indica as peculiaridades do método da OC. Para diferenciar a aquisição de um saber teórico de um saber vivenciado, Luana usou como exemplo o sentido do apoiar. Acredito que ela elegeu este tema porque este foi um traço marcante da sua experiência com OC. Assim, afirmou que “aí você consegue enxergar o que é isso, né? Não é só apoiar. Mas apoiar, como? (...) Parece fácil, né? Mas o que que seria isso? (...). Então, quando você vivência, você sabe de que maneira é... de que maneira conduzir isso, é... de que maneira fazer isso”.

Em seguida passou a comentar o espanto inicial de seus colegas diante da sua escolha pela OC. Mas afirmou que a OC ofereceu um novo modo de acessar o outro, incluindo uma modalidade de prática psicológica. Diante de seus aprendizados com a OC, seus colegas pediam seu auxílio para pensar em

intervenções e afirmavam o desejo de ter feito oficina ou mesmo buscar participar após a conclusão do curso. Isso indica o arrependimento de quem não optou por OC.

Antes de finalizar, ao ser questionada sobre as repercussões do estágio vivencial nas esferas pessoal e profissional, Luana refletiu sobre a importância de estar em contato consigo mesma e disse que suas recordações das atividades, que estão gravadas por fotos, ainda hoje ajudam-na a resgatar sua história e a integrar seu modo de ser. Além dessa contribuição pessoal, profissionalmente ela entende a OC como um instrumento de trabalho, portanto, como possibilidade de prática psicológica.

Agradei pela entrevista e ela agradeceu, pois se sentiu bem ao resgatar suas lembranças.

CAPÍTULO 7 – KÁTIA

Entrevistei Kátia no meu consultório. Inicialmente ela me contou que é formada em Psicologia e atua em consultório, porém tem um emprego fixo como educadora no SENAC, onde trabalha com educação em um contexto social, em cursos de capacitação e treinamento, com diferentes faixas etárias. Como psicóloga clínica ela atua com base na abordagem fenomenológico-existencial, mas frisou que tem poucos pacientes, mas, eles estão no processo há mais de um ano.

Sobre os estágios obrigatórios, afirmou ter cursado Psicologia Escolar, Oficina de Criatividade e, na clínica, optou pela abordagem fenomenológica. Perguntei sobre suas lembranças do estágio vivencial em OC e ela afirmou:

Então, eu gostei bastante, né? Pra mim não teve, é... não teve muita surpresa. Eu tive surpresa em saber que isso é uma forma de fazer Psicologia. Isso eu tive surpresa. Porque nas aulas eu já fazia muitas coisas assim... Porque é uma proposta pedagógica diferente, né? Então, algumas atividades que ela deu oficina, eu já fazia com meus alunos jovens e adolescentes.

Disse ter se surpreendido com os conteúdos mobilizados pela OC em alunos que não faziam ideia do que a oficina fosse: “Agora, foi interessante ver que outros alunos não tinham a menor ideia do que fosse, né? (...). As oficinas, o que poderia mobilizar através das oficinas, né? Que era uma prática psicológica”

Perguntei como ela relacionava as experiências vividas com OC com sua profissão. Ela falou do desejo de ter um consultório só seu para poder adaptá-lo para realizar algumas atividades com os pacientes e da importância do recurso expressivo: “Em alguns momentos eu tô com o paciente na minha frente e eu vejo que através da fala não rola, e que se eu fizesse tal atividade ia ser assim perfeito, entendeu?”. Pedi que ela me desse um exemplo e ela contou uma intervenção realizada com uma paciente:

Ah, por exemplo, uma pessoa (...) que tinha dificuldade em se perceber, se colocar no mundo. Aí na hora eu fiz... vamos fazer? A janela de Johari. Que são quatro quadrantes, né? que tem o eu público, o eu cego, eu secreto e eu desconhecido. E... e ela não conseguiu fazer, mas a partir daí, né? Levou a toda uma discussão que foi assim, importantíssima no processo, né? Ela não conseguiu fazer.

Contou de outra paciente que pedia para ela dar conselho. Visando acolher o desejo da paciente, ela decidiu fazer a atividade da herança:

Era uma atividade assim... o que ela... o que ela trouxe da mãe, o que ela trouxe do pai e o que ela ia fazer com isso.

Bom aí, ela já começou que ela, ah, Kátia, mas isso, eu não vou fazer. Você pode me explicar de novo? E eu expliquei. Ah, então, me ajuda, né? Que era a mesma demanda; ela queria conselhos e ela queria ajuda o que que ela teria que fazer. E eu falei, olha, faça o que você entendeu e o que você quiser fazer. Não tem certo e errado, não é aula de artes, né? O que você quiser fazer. Para você ficar mais a vontade, eu vou lá pra fora. E deixei ela ali.

E aí foi interessante ela acabou fazendo e aí no fechamento, se é que há um fechamento individual, né? Foi conversado tudo isso, né? A atitude dela antes, durante, o que veio, né? Foi bem interessante. Ilumina muitas coisas, é... da própria pessoa.

Comentamos que a atividade expressiva é um recurso muito importante, que ajuda a iluminar, e perguntei se ela viveu algum insight durante o estágio vivencial. Ela disse: “Teve, teve bastante, né? Porque assim, algumas atividades eu não conhecia e mobilizou algumas coisas, né? porque provocou uma reflexão em mim, né? Naquilo que eu tinha, até na hora da proposta sendo feita.”.

Falou, então sobre como o estágio vivencial se fazia presente em sua prática profissional: “Sim, a escuta, a escuta. Um olhar de um outro lugar.”. Pedi que explicasse melhor e ela continuou: “Uma escuta mais atenta, um olhar é... de um, é um olhar de um outro lugar, na verdade, né? É pré, né? É algo, é... não sei, é sem julgamentos... Não sei...”. Questionei o que seria esse “pré” e ela disse:

É, eu poderia falar que é pré-reflexivo, que é o que está me vindo. Eu sei que é isso porque eu já li coisas, e, enfim, eu sei que é isso, entendeu? Mas eu sinto que é de um outro lugar... Que eu me coloco.

Questionei qual era esse outro “lugar”. Ela disse que era a atitude de sua supervisora. Perguntei no que a postura da professora havia contribuído. Ela me respondeu:

Ajudou a desenvolver um modo de fazer diferente. (...) Então, é esse olhar de um outro lugar, é uma abertura. Eu acho que é um conjunto, na verdade, porque não foi só a Renata, foi a fenomenologia. Na verdade eu não escolhi a fenomenologia, é... tem tudo a ver comigo. Essa é uma coisa que já vinha comigo e daí deu nome, na faculdade os nomes foram dados e pode dar outros nomes também. E... é uma abertura, um não-julgamento, uma disponibilidade, né? uma compreensão a partir do outro, né? Eu acho que foi um conjunto mesmo.

Naquele momento Katia amplia seu entendimento sobre suas escolhas e inclui a fenomenologia como um modo de enxergar o mundo que já a acompanhava, mas que ainda não tinha nomeado. Comentei o quanto ela havia dito sobre autopercepção e conhecimento de si. Ela disse:

Ajuda. Ajuda e até mesmo, quando eu dou alguma atividade, a todo momento também mobiliza algumas coisas em mim, né? Não é... e aí eu vou levar para minha terapia, seja lá o que for, entendeu? Mas eu acho muito interessante isso, porque não é só o outro que é afetado, né? Eu também sou e, e eu fico atenta a isso também, né? De que forma isso, o que acontece com o outro me afeta também e em que.

Busquei aprofundar o tema e pedi, mais uma vez, que ela falasse mais sobre isso:

Tem, tem uma sacada que também foi muito interessante. Primeiro eu comecei a fazer essa faculdade eu já tinha... tenho que fazer as contas agora, uns 46, sei lá, por aí. E... e, 45, e... é eu falei, nossa! Vai ter um monte de gente novinha, num gás total. E na verdade eu vi que não, foi um perfil, pra mim foi novo isso, né? Aí eu percebi o quanto, como minha cabeça trabalha, né? e o quanto é difícil trabalhar comigo também.

Em seguida falou da diferença de velocidade entre a sua percepção e a de seus colegas. Observou como isso a faz atropelar, invadir o processo do outro: “Fora a faculdade, eu já tinha percebido isso, mas é tão óbvio e aí eu atropelava. A faculdade me fez ver, calma! Tá bom, vai ser assim porque vai ser assim, mas o outro tem o tempo dele pra alcançar isso, entendeu?”

Afirmou que tomar consciência dessa diferença fez com que ela “puxasse o breque”. E disse que essa pausa ocorre não apenas no âmbito profissional, mas no dia-a-dia e nas suas relações. Visando compartilhar minha compreensão sobre o que ela estava trazendo, afirmei que a Oficina de Criatividade provocou percepções sobre ela mesma que, de alguma maneira, operaram mudanças, e que essas mudanças estariam incorporadas no seu modo de ser. Ela me disse: “Sim, sim, perfeito”. Pedi que me desse um exemplo e ela respondeu: “Então, acho que isso mesmo que eu acabei de falar... Essa coisa assim: Pô perceber como eu penso, né? Assim, como é que as coisas acontecem e como acontecem com o outro, acho que isso”.

Falou de como os insights que se deram a partir da atividade mudaram o modo dela lidar com os outros. A mudança mais evidente seria o sentimento de compaixão em relação aos seus pais: “Eu acho que uma compreensão melhor dos meus pais (...) né? Eles já são idosos, é... me veio uma certa compaixão, na verdade”.

Sobre sua atuação como psicóloga destacou: “olhar... de ver que outro sofre... né?” E mais adiante ponderou: “Existem outros caminhos que eu não faço ideia. E que pode ser o do paciente, por exemplo.”.

Perguntei, mais uma vez, qual foi a contribuição de ela ter cursado o estágio vivencial em OC, uma vez que ela identificou diferentes aspectos oriundos de diversas práticas, incluindo sua profissão de educadora. Ela afirmou: “Me ajudou a integrar as coisas, né?”. Em seguida focalizou em suas intervenções com seus alunos e disse que em muitos momentos suas aulas adquirem um tom de trabalho em grupo, pois aparecem conteúdos íntimos, emocionais e, nestas situações, sua postura é a seguinte:

Eu retomo, né? Eu contextualizo, né? Que é uma aula, parará, que... que legal que apareceu isso, mas não vai dar pra gente se aprofundar ali, né? (...) Acolho, mas eu... foco.

Falando sobre o momento de compartilhar a atividade realizada, Katia disse que este momento “É fundamental. Porque só a oficina, não é nada. Se for só o fazer não tem sentido algum.”. E complementou:

Ééé, porque é um momento que eu vou, éééé eu já tive uma, uma reflexão ali, na hora de fazer, ou talvez não, mas na hora em que eu compartilho é que eu sistematizo aquilo, é que eu reconheço exatamente o que é, e o que mobilizou.

Perguntei se ela percebia mudanças no seu modo de atuar enquanto psicóloga e ela me disse:

Então, no consultório, às vezes, a pessoa não percebe, mas aí eu vou pontuando. Eu faço esse papel, um pouco, às vezes, para a pessoa, né? (...) aí eu pontuo mais, ó você tá percebendo, lá, naquela outra sessão você trouxe isso. Olha! (...) A Renata falava muito assim: generosidade. Sejam generosos. Eu acho que isso também permeia, é... hoje, permeia mais as minhas relações hoje.

Mais adiante realizou uma reflexão sobre a educação de modo geral, incluindo a graduação em Psicologia:

Você, você é... sai do teórico e vai pruma prática, prum presencial e a educação, falando agora em educação, é tudo isso. Então, é... eu tenho uma crítica assim, às faculdades, no geral, até onde eu trabalho, é, embora a proposta pedagógica fale disso: de desenvolver competências que são essas, que são três instâncias, né? Do saber, do saber fazer e o saber conviver e ser. A gente percebe que tá se perdendo isso em sala de aula, né? Então, o que tudo isso desenvolve competência. Então, não tem sentido, né? Ter toda uma parte teórica antes e depois estágio. Não existe isso! É tudo junto! Por mais angustiante que for, que seja para o aluno, né? E vai, e tem vários caminhos pro aprendizado.”.

Para finalizar, perguntei qual era a importância do vivencial vir acompanhado do teórico e ela me respondeu:

Porque o teórico, você memoriza e não quer dizer que você aprendeu. O vivido fica pra sempre registrado. (...) Mesmo que você vai elaborando, vai ficar registrado aquela é... experiência, né? Uma experiência que parece que na pele, entendeu?

Antes de finalizar falou de como a experiência em OC se faz presente de alguma maneira em sua vida: “Pensar sobre si mesmo, pensar sobre o mundo, sobre a sociedade, é um pensar.”.

Assim, agradei pela entrevista concedida.

7.1. Análise da entrevista de Kátia

O levantamento inicial das unidades de significado trazidas por Kátia foi:

1. Mudança na visão da postura do psicólogo;
2. Abertura para o outro;
3. Ampliação da percepção de si, de nomear percepções e sentimentos;
4. Possibilidade de prática psicológica;
5. Ampliação da percepção de si e do outro, no grupo;
6. Peculiaridades do método da OC.
7. Retrospectiva pessoal e encontro consigo;
8. Mudanças pessoais que ressoaram em outras esferas.

Kátia, por ser educadora, já havia entrado em contato com algumas atividades propostas no estágio de OC, porém sua experiência era como professora, e não como participante. Apesar de já ter familiaridade com algumas atividades, afirmou ficar surpresa em saber que a OC é uma possibilidade de prática psicológica. Focalizou, inicialmente, suas reflexões sobre o desconhecimento dos colegas sobre os meios da OC e sobre como estes ficavam mobilizados com as oficinas.

Sobre sua profissão, mencionou o desejo de ter uma sala própria para poder associar os atendimentos psicoterápicos exclusivamente verbais com recursos expressivos. Trouxe duas intervenções realizadas no setting terapêutico visando fazer uso dos recursos expressivos que evidenciam a peculiaridade do método das oficinas de criatividade. Contou que em ambos os casos a proposta de atividade expressiva favoreceram a aproximação de sua paciente de seu modo de ser. Ela afirmou que a atividade “ilumina muitas coisas, é... da própria pessoa”.

Observei que sua fala estava voltada para sua ocupação profissional. Disse viveu um insight em algumas atividades que ela não conhecia e que alguns conteúdos foram mobilizados e provocaram reflexões. Apesar de sua fala evidenciar que houve uma ampliação da percepção de si, Kátia não se aprofundou, naquele momento, nos conteúdos acessados.

Sobre a presença de situações vividas em OC que se fazem presentes em sua prática profissional, afirmou a conquista de uma escuta mais atenta e de um olhar de outro lugar, que complementou dizendo ser pré, sem julgamentos. Isto evidencia seu movimento de abertura para o outro. Perguntei o que seria esse “pré”. Ela me respondeu ser pré-reflexivo e justificou que esse conhecimento advém de seus estudos e conhecimentos teóricos. Afirmou que sente que se coloca de um outro lugar. Ao explicar o que seria esse outro lugar, falou da atitude de sua supervisora e que o contato com o modo de atuar dela, enquanto oficinaira, “ajudou a desenvolver um modo de fazer diferente”, trazendo uma mudança na sua visão da postura do psicólogo, que mais adiante, qualificou como generosidade com os pacientes. Disse que a generosidade permeia suas relações, incluindo seus pais, portanto houveram mudanças pessoais que ressoaram em outras esferas da vida de Kátia.

Além dessa qualidade, afirmou que a fenomenologia está diretamente associada ao seu modo de ser e enxergar o mundo, porém apenas com o curso de Psicologia e o contato com a fenomenologia passou a compreender esta visão e novos termos passaram a compor sua identidade profissional como abertura, não-julgamento, disponibilidade e compreensão a partir do outro.

Disse que as percepções iniciadas na OC sobre si contribuem para seu trabalho como psicóloga, pois “não é só o outro que é afetado, né? Eu também sou e, e eu fico atenta a isso também”. Ao se sentir mobilizada, Kátia vê a necessidade de levar os conteúdos para sua terapia individual. Ao ser convidada a se aprofundar neste tema, Kátia fez uma retrospectiva do seu percurso na graduação em Psicologia: afirmou ingressar com 45 anos na faculdade e disse que imaginava que os outros alunos seriam novinhos e estariam com gás total, porém a realidade se mostrou diferente e, com isso, ela se deparou com o modo

dela trabalhar, o que favoreceu a realização de retrospectiva pessoal e encontro consigo.

Acessou sua pressa em finalizar qualquer tarefa e na faculdade identificou a necessidade de estar mais calma e respeitar o ritmo dos outros. Esta percepção evidenciou uma mudança pessoal de Kátia que ressoaram em outras esferas da sua vida, não apenas no trato com colegas e pacientes, como com todos a sua volta.

Destacou que a maior mudança pessoal que emergiu do estágio em OC foi o sentimento de compaixão que nutre por seus pais, pois eles são idosos. Como psicóloga tornou-se mais sensível ao sofrimento do outro e afirmou que “existem outros caminhos que eu não faço ideia”.

Outra contribuição por ter cursado OC foi a integração de diferentes coisas que ela conhecia de sua profissão como educadora. Passou a falar dos seus alunos e da importância do compartilhar. Falou ser este momento “fundamental. Porque só a oficina não é nada (...) só o fazer não tem sentido algum”. Disse que o momento de compartilhar exige a sistematização do que foi acessado, o que contribui para reconhecer o que foi mobilizado. Assim, ocorre uma ampliação da percepção de si e do outro, no grupo.

Antes de encerrar Kátia, espontaneamente, fez uma reflexão sobre a educação, pontuando o equívoco da cisão entre o teórico e a prática de qualquer profissão. Perguntei qual era a importância do vivencial vir acompanhado do teórico e Kátia disse: “Porque o teórico, você memoriza e não quer dizer que você aprendeu. O vivido fica pra sempre registrado”.

Ao encerrar perguntei se a experiência vivida no estágio de OC se faz presente atualmente. Ela disse: “Sim. Pensar sobre si mesmo, pensar sobre o mundo, sobre a sociedade, é um pensar”. Desse modo, a possibilidade de realizar uma retrospectiva pessoal e o encontro consigo ficaram presentes como uma atitude necessária.

CONCLUSÃO

Nas entrevistas a importância do grupo mostrou-se como o respaldo que facilitou as transformações vivenciadas pelos colaboradores. Nele o despertar e a ampliação da percepção de cada um sobre si mesmo e sobre seus colegas foram favorecidas por meio da vivência na dimensão relacional eu-com-os-outros. A vivência de pertencer a um grupo e estar afetivamente envolvido no processo criativo inaugurou e ressignificou sentimentos, trazendo insights sobre si que possibilitaram uma abertura compreensiva para o outro.

As análises revelaram que a vivência grupal e a natureza da proposta de OC de trabalhar com recursos expressivos facilitaram o acesso a histórias e sentimentos, que puderam ser compartilhados no grupo. A vivência grupal foi, assim, o gatilho disparador de transformações. Essas experiências, desconectadas, não teriam a mesma intensidade de impacto que tiveram quando reunidas em uma forma de expressão compartilhada. Assim, as unidades de sentidos encontradas em todas as entrevistas – abertura para o outro, ampliação da percepção de si, nomeação de percepções e sentimentos, peculiaridades do trabalho em OC e ampliação da percepção de si e do outro – compuseram o lugar privilegiado que a vivência grupal ocupou para os estagiários.

Em todas as entrevistas evidenciou-se como o fato de estar na presença do outro foi importante para acessar os sentidos das experiências pessoais que se deram simultaneamente em si, no compartilhamento coletivo e no olhar sobre o outro. A necessidade de cuidar da própria percepção para poder compreender o mundo do outro em sua singularidade associou-se ao oferecimento de uma presença que se realizava enquanto abertura e disponibilidade. Este cuidado para com o outro revela o tatear dos estagiários no desenvolvimento de uma atitude fenomenológica, necessária e desejável para o exercício profissional do psicólogo, que vai sendo construída gradativa e continuamente.

A experiência de cursar o estágio vivencial em OC proporcionou aos colaboradores, cada um a seu modo, a oportunidade de contemplar os sentidos

peçoais e a riqueza de outras inúmeras possibilidades de significação em vivências subjetivas e intersubjetivas. Neste sentido os colaboradores afirmaram viver uma abertura para que diferentes mundos pudessem se mostrar e ser vistos por eles em sua novidade e particularidade.

Para Kátia a experiência de grupo contribuiu para que acessasse o modo como ela é afetada pelo outro, trazendo-lhe responsabilidade sobre sua escuta. Reconheceu que a experiência no estágio vivencial de OC contribuiu para desenvolver uma escuta mais atenta e maior capacidade para expressar sua compreensão. Afirmou que seu olhar parte de um lugar sem julgamentos. Neste aspecto, Kátia vivenciou um sentido duplo das experiências: ampliação da percepção de si que esbarra na abertura para o outro, alterando, portanto, seu modo de estar presente no mundo com o outro, tanto nas relações pessoais quanto nas profissionais.

Para Nair a possibilidade de colocar-se pessoalmente favoreceu a ampliação sobre si, e com isso ela acessou uma característica marcante de sua personalidade: a radicalidade. Afirmou que o acolhimento e o envolvimento no grupo foram cruciais para o desenvolvimento de suas percepções. Viu o compartilhar como uma oportunidade de reflexão que foi vivida com leveza por ela. Apesar de surgirem no grupo conteúdos densos, o modo de compartilhar revelou-se suave, o que favoreceu vislumbrar a possibilidade de um modo-de-ser diferente. Nair pôde colocar-se e estar com o outro, sabendo de sua radicalidade, porém colocando-a entre parênteses, ou seja, pôde enxergar o outro e situações sem partir da sua própria referência. Com isso Nair inaugurou a compreensão do mundo inesgotável proposto pela fenomenologia, iniciando a apropriação de um dos pilares da fenomenologia.

Luana também reconheceu modos seus de estar no mundo que não imaginava que fossem acessíveis aos outros. O relato dos outros sobre ela surpreendeu-a pois conflitou com a imagem que tinha de si. Este conflito contribuiu para que integrasse aspectos seus que apresentam características muitas vezes opostas, e que são pessoais e marcantes. Desse modo, atribuiu à vivência grupal o sentimento de acolhimento e de não estar sozinha, o que

facilitou o acesso aos sentimentos pessoais e a possibilidade de apropriar-se deles.

Para Murilo, assim como para Nair, a possibilidade de colocar-se pessoalmente marcou sua experiência no estágio vivencial em OC. Ele associou esta possibilidade ao favorecimento de um encontro com o outro que contribuiu para estar junto, relacionar-se, envolver-se, preocupando-se com o modo de transmitir e verbalizar suas percepções. Ele disse que os encontros favoreceram o aprofundamento de algumas questões pessoais trazidas, assim como do seu autoconhecimento. O grupo foi vivenciado com o sentimento de ter com quem contar, retirou-o do isolamento e possibilitou que se disponibilizasse a estar com o outro, suspendendo pré-julgamentos e freando o impulso de julgar o outro a partir de suas referências pessoais. Assim, Murilo, se surpreendeu com os conteúdos pessoais e íntimos compartilhados por seus colegas e pôde experimentar colocar-se de modo empático e disponível para o outro poder ser. Essa visão mais clara sobre si e seu modo de estar-no-mundo-com-os-outros provocou mudanças no seu modo de ser. Ele disse que as atividades culturais foram vividas como subsídios para uma visão de mundo, para a ampliação do horizonte de possibilidades, trazendo-lhe nova disponibilidade para ser tocado, atingido pelo novo, ampliando sua visão de mundo e de possibilidades.

Os quatro colaboradores enfatizaram o potencial de alcance dos estágios de Oficina de Criatividade. Para Murilo o estágio em OC foi vivido como um respaldo a todo conhecimento teórico que adquiriu ao longo dos quatro anos de graduação. Para ele a necessidade de se colocar pessoalmente no estágio vivencial favoreceu o reconhecimento de sua concepção de como deve se comportar o profissional da área. Murilo distinguiu a visão do psicólogo como um técnico ou reproduzidor determinado conteúdo da possibilidade de estar em contato consigo e oferecer o seu olhar em uma escuta aberta e disponível ao outro. Reconhecer que o atendimento não deve basear-se na necessidade de oferecer uma saída para o problema do outro, ou ter que acertar uma intervenção teoricamente aceitável, humanizou sua visão do psicólogo. Livre da obrigatoriedade de ter de saber o que fazer, de ter que fazer certo, pode oferecer uma escuta aberta que favorece, mas não garante, a abertura do outro para si, para sua própria vida e mundo. Escuta que também contribui para a

compreensão de sentidos desvelados para o psicólogo. Esta mudança de concepção do trabalho do psicólogo evidenciou a mudança de um paradigma positivista para um paradigma fenomenológico, compreendendo o ser como transitoriedade. Assim, o estágio em OC configurou-se como uma oportunidade de colocar-se e vivenciar o outro colocando-se fenomenologicamente.

Kátia afirmou que o trabalho em OC favoreceu a sua aproximação à sua paciente e ao seu modo de ser. Ao refletir sobre educação concluiu o vivido fica pra sempre registrado. Assim, Kátia deu ênfase ao vivencial, destacando o grau de aprendizado e transformação alcançada pelas experiências vividas.

Luana, por sua vez, associou o estágio vivencial à possibilidade de apropriação dos conteúdos acessados. Associou a experiência de apoiar o outro à de ter sido apoiada por seus colegas e apontou como diferentes habilidades e posturas de abertura para o outro são vivenciadas na prática.

Para Nair o estágio em OC favoreceu o desenvolvimento pessoal de cada integrante e do grupo como um todo. Afirmou que os integrantes de seu grupo de OC formaram vínculos afetivos que perduram após quase três anos de formados, o que não considera usual. Disse que a experiência na graduação do estágio vivencial em OC ocupou um lugar central tanto na sua formação profissional como pessoal.

De diferentes modos outros impactos foram vividos. A análise das entrevistas permite concluir que o estágio em OC pode provocar o desalojamento de certezas e visões do mundo, de si e do outro que os próprios alunos não sabiam ter. As experiências vividas possibilitam também com que se deparem com contradições e questões internas, que ao serem compartilhados favorecem o contato e a possibilidade de abrir-se ao outro. Assim, os desdobramentos analisados até então giram em torno da desconstrução e da reconstrução de modos de ser pessoais e profissionais que se tornaram disponíveis para cada colaborador individualmente, considerando suas possibilidades no momento vivido.

REFERÊNCIAS

A – Fontes impressas

- BONDÍA, J. L. (2002) “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. In: **Revista Brasileira de Educação, jan/fev/mar/abr. nº19.**
- BUBER, M. [s.d./2007) **Do diálogo e do dialógico.** Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva.
- CUPERTINO, C. M. B. (1995) **O resgate do marginal:** atividades impertinentes para psicólogos em formação. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- _____ (2001) **Criação e formação:** fenomenologia de uma oficina. São Paulo: Arte & Ciência.
- _____ (2008) “Arte em psicologia e educação: o uso de recursos expressivos no passado recente”. IN: CUPERTINO, C. M. B. (Org.). **Espaços de Criação em Psicologia:** oficinas na prática. São Paulo: Annablume.
- FIGUEIREDO, L. C. (1993) “Sob o signo da multiplicidade”. In: Cadernos de Subjetividade, 1, 89-95.
- _____ (2004) **Revisitando as Psicologias:** da epistemologia à ética nas práticas e discursos psicológicos. 3. Ed. Petrópolis: Vozes.
- FORGHIERI, M. C. (1995) **Criatividade e Psicologia em Oficina.** Dissertação de Mestrado. São Paulo: IPUSP.
- _____ (2003) **Nietzsche e criação: divino devir.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- FORGHIERI, Y. C. (1993) **Psicologia fenomenológica:** fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- HALPERN-CHALOM, M. (2008) “O processo de aprendizagem vivencial semeando o desenvolvimento humano”. In: CUPERTINO, C. M. B. (Org.). **Espaços de Criação em Psicologia:** oficinas na prática. São Paulo: Annablume.

- HUSSERL, E. (1929/2001) **Meditações cartesianas: Introdução à Fenomenologia**. Tradução de Frank de Oliveira. São Paulo: Madras.
- LÉVY, A. (2001) **Ciências Clínicas e Organizações Sociais: sentido e crises do sentido**. Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC.
- MOREIRA, D. G. (2002) **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo, SP: Pioneira Thomson Learning.
- OSTRONOFF, V. (2008) “Uma experiência de supervisão em oficinas de criatividade”. In: CUPERTINO, C. M. B. (Org.). **Espaços de Criação em Psicologia: oficinas na prática**. São Paulo: Annablume.
- ROSMANINHO, M. T. (2010) **Tornar-se terapeuta: a prática da meditação na formação do psicólogo clínico de orientação fenomenológica**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP.
- SÁ, R. N. (2008) **A noção fenomenológica de existência e as práticas psicológicas clínicas**. Anais do 8º Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituição. São Paulo, USP.
- _____ (2010) “Reflexões fenomenológicas sobre a experiência de estágio e supervisão clínica em um serviço de psicologia aplicada universitário”. In: **Revista de Abordagem Gestáltica, XVI(2): jul-dez**.
- SAFRA, G. (2004) **A pó-ética na clínica contemporânea**. 3. Ed. Aparecida, SP: Ideias & Letras.
- SAPIENZA, B. T. (2004) **Conversas sobre terapia**. São Paulo: EDUC; Paulus.

B - Fontes audiovisuais

- Uma verdade Inconveniente (*An Inconvenient Truth*), Diretor Davis Guggenheim; Hollywood – E.U.A, 2006.
- Quanto vale ou É por Quilo? Diretor Sergio Bianchi, Riofilmes, 2005.
- PROFISSÃO MC, Diretores: Alessandro Buzo e Toni Nogueira, Firmaproduções, São Paulo, 2009.

ANEXOS

ANEXO I – ROTEIRO PARA A ENTREVISTA

1. Dados de identificação.
2. Qual sua situação profissional hoje? Trabalha como psicólogo? Onde?
3. Como é o seu trabalho?
4. Que estágios você fez durante o curso de Psicologia?
5. Você frequentou o estágio de Oficina de Criatividade?
6. Como você se lembra desse estágio?
7. Existem ressonâncias na sua prática profissional de compreensões acessadas no estágio vivencial de OC?
8. Existe alguma situação ou insight vivido no estágio de Oficina de Criatividade que se mantém presente e atual no seu trabalho como psicólogo hoje? Poderia exemplificar?
9. Como você atualiza as compreensões vividas na Oficina de Criatividade em situações profissionais? Isso se dá apenas no âmbito profissional?

ANEXO II – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM NAIR

Entrevistadora: Então Nair, você se formou em que ano?

Colaborador: 2012

Entrevistadora: 2012, dezembro de 2012

Colaborador: Dezembro de 2012

Entrevistadora: Tá. E você no último ano cursou quais disciplinas?

Colaborador: Ah Hospitalar, oficina de criatividade e fenomenologia existencialista.

Entrevistadora: Tá. E você fez aquele primeiro semestre vivencial de oficina?

Colaborador: Sim, fizemos.

Entrevistadora: E do que você se lembra?

Colaborador: Bom, o que eu me lembro é... que foi muito valioso para mim, né? pessoalmente muita coisa...foi me mostrado muita coisa, e como a gente tá já que meio no último ano, você vê o quanto você se desenvolveu desde o primeiro. A oficina, né? Já diz o nome, oficina de criatividade, você tem essa liberdade de criar, e essa liberdade de criar te mostra aquilo que você tem aí dentro de você. Então é tudo muito espontâneo, é meio que, assim, um encontro com você mesmo. Foi isso o que eu senti, senti bem claro isso daí.

Entrevistadora: E isso é de uma maneira geral?

Colaborador: De uma maneira geral.

Entrevistadora: Você lembra de alguma atividade específica que até hoje você se lembra, que você teve algum insight?

Colaborador: Tá... Lembro, lembro, lembro sim. Lembro de uma atividade que nós tivemos, éhh, pintura, né? Foi uma pintura em..., não foi em tela, foi uma pintura, se eu não me engano foi uma pintura em madeira, foi uma pintura bem diferente, né? e ahhh, através dessa pintura, não tinha tema, o tema era você mesmo, você se expressava livremente ali, e assim, é... a única coisa que foi pedida foi pra que a gente tentasse, ahh, se envolver consigo mesmo, com a gente mesmo, então, a gente teve esse

envolvimento com a gente mesmo, e aquilo que saísse era muito nosso. E aí nos compartilhamos essa leitura, né? Saíram quadros... assim, ah... foi um envolvimento muito forte, que eu me lembro bem, é... que muito de nós, alunos, ex-alunos da época, teve choro, né? Teve muito riso, teve choro, teve muito riso, ah, teve insights assim de a pessoa olhar uma pra outra, e falar *caracas!* Era isso que eu não compreendia, e assim foi muito legal.

Pra mim a pintura me trouxe uma, uma visão de que eu via a vida muito 8 ou 80, era muito radical nas coisas, eu queria quebrar essa radicalidade, mas eu não sabia como. Eu achava que quebrando essa radicalidade eu seria fraca, uma pessoa fraca, né? E me encontrei muito, foi muito bacana porque aí, usei cores, eu gosto do colorido tudo, mas os meus traços, os meus riscos, e a hora que eu ia..., não tinha nada pronto, a hora que você ia falando do seu quadro, a hora que eu tava falando do meu quadro, éé... eu dava um sentido, um significado pra aquilo que não era premeditado, eu lia e falava, lia e falava, né? Então eu vi assim que não tinha essa necessidade de eu ser tão radical assim com a vida, comigo mesmo, imagina com o outro. Isso me preocupava muito. Foi muito legal, liberar tudo isso foi muito legal, e compreender, essa oportunidade de você falar, exteriorizar, verbalizar, faz, é um caminho de reflexão, de enxergar. Foi muito legal.

Entrevistadora: Tá. Você lembra, era uma coisa abstrata seu quadro?

Colaborador: Bem abstrato. Lembro, totalmente lembro. Muito forte, muito forte. Era algo que parecia que o, o, o... pincel ia, né? Porque a gente levava muito a sério. E era uma oportunidade ímpar ali na faculdade, era uma oportunidade assim, então o pincel ia, então, era muito abstrato, então, cada traço, cada pincelada, cada cor, eu achava aquilo, caracas, o que eu vou falar daqui, não tenho o que falar, mas, nossa! Tinha muita coisa, né? pra falar. E... e muita coisa assim, não no sentido de palavras, mas de conteúdo.

Entrevistadora: Você consegue me destacar que conteúdo foi esse que você acessou?

Colaborador: Exatamente esse que eu acabei de falar. O conteúdo da radicalidade, né? De que não precisava ter uma leitura de mundo assim. Que o mundo tem as suas dificuldades, mas que tem também meios de ultrapassar essas dificuldades. Então, de contar até dez antes de falar, né? Uma ansiedade muito grande que eu tinha, talvez até de esconder, hoje eu vejo, algumas coisas que era muito radicalizadas em mim, né? Então, ééé... foi muito interessante porque eu não tive medo de falar, foi uma coisa gostosa de falar e foi uma coisa muito suave, com conteúdo muito forte, mas muito suave. Então, me proporcionou essa ideia de que eu tinha outros caminhos.

Entrevistadora: Quando você fala conteúdo muito forte, mas que se revelou de uma maneira suave, esse muito forte quer dizer porque ele evidenciou uma característica pessoal...

Colaborador: Representativo. Muito representativo, significativo...

Entrevistadora: Do quê?

Colaborador: De, de vida. Daquilo que eu ia exercer. Em relação, principalmente, em relação à psicologia que é o trabalho direto com o humano, com toda essa criatividade, com toda essa criação, com tudo isso que ia vir como profissão. Assim, essencialmente, não tem como não mexer com o pessoal. Então foi uma coisa que eu vi que era muito importante eu enfrentar pelo meu trabalho.

Entrevistadora: Ah tá, então, vê se faz sentido o que eu vou falar. Essa atividade aí do quadro fez com que você entrasse em contato com a sua radicalidade, né? É isso?

Colaborador: Exatamente.

Entrevistadora: Tá. E daí o que aconteceu, nesse dia você se deu conta de como você é assim?

Colaborador: É engraçado. Exatamente isso. O mais legal de tudo isso é que todos os dias você se dá conta, você não identificava isso todos os dias, você sofria, eu sofria pela radicalidade, mas não a enxergava. Da onde está vindo, o que que é isso, então isso, entre aspas, me dominava. Eu era cega, né? pra isso. E daí como eu... enxerguei, abriu-se as cortinas, né? A cada momento que eu ia ter uma ação radical, por exemplo, caracas, não, não preciso mais disso. Isso me pertence, mas de outra forma, né? Então, através disso foi uma, através dessa, dessa... compreensão aí, a minha existência como pessoa, a minha relação com o outro foi se aprimorando, digamos assim, foi se lapidando, então isso me deu uma abertura imensa.

Entrevistadora: E você vê repercussões dessa experiência até hoje na sua vida?

Colaborador: Uau! Como! Tanto é que repercute que, assim, relacionamento com esposo, sou casada há nove anos, ah... relação com familiares, e assim, poder identificar isso no outro também, que o outro traz muito isso também, é maravilhoso. Entrar dentro do outro, é... por um caminho o qual ele permita, e,e,e... a gente identificar, olha, o que

você pensa dessa tua atitude, e tendo como experiência a sua própria vida, é um resultado bárbaro.

Entrevistadora: E você percebe isso em que, em amigos, ou em pacientes?

Colaborador: Olha, eu percebo isso quando tem que ser percebido.

Entrevistadora: Quando se faz presente...

Colaborador: Quando se faz presente. E isso de faz muito mágico. É muito bacana. Muito legal. Então, quer dizer, sai de mim, literalmente de mim, porque eu descobri isso, né?

Entrevistadora: Então, e tem momentos que você até hoje você se percebe, é... sendo radical?

Colaborador: Claro. Claro que tem. Porque isso eu acredito que seja assim: é...é... de repente é algo que eu aprendi com o decorrer da minha vida aí, e num dado momento eu descobri que isso não era tão saudável. Então isso é meu, essa radicalidade. Não precisa ser curado de nada, não é uma patologia, é uma existência, uma forma de existir que me acarretava muitas coisas. Então, isso existe dentro de mim, até hoje, mas eu consegui identificar e daí consigo adequar, as coisas ficam mais leves, fica mais legal.

Entrevistadora: Ta. Então quando você fala que você vê como uma coisa sua, uma característica que é benéfica, seu modo, você não precisa eliminar isso.

Colaborador: Exato. Não preciso eliminar isso.

Entrevistadora: Porém, tem momentos que você identifica que isso está acontecendo, você não acha que é tão benéfico?

Colaborador: Exato.

Entrevistadora: E nesses momento você consegue identificar, é isso?

Colaborador: Consigo. Consigo identificar e consigo seguir ir, por um caminho consciente, digamos assim, um caminho consciente é... de que não precisa ser, necessariamente, um caminho que eu conheço, pode ser um caminho desconhecido que me leva à coisas boas também, né? Daí eu me sinto na liberdade de não ir para o caminho radical. Identifico e logo, peraí...

Entrevistadora: E você acha que isso trouxe o que para as suas relações?

Colaborador: Olha, isso trouxe vida para as minhas relações. É, é... Eu saí de um enquadramento, no qual eu ficava, eu ficava num quadrado. Eu tinha que me enquadrar em algum lugar, e hoje eu posso pertencer à qualquer tipo de relação de uma maneira mais suave, de uma maneira mais tranquila, de uma maneira, até posso dizer, mais segura, mas auto confiante de mim mesmo, né? Vem uma auto confiança, de você descobri isso, pra mim veio uma auto confiança muito grande, de me dar a oportunidade de, de repente consertar aquilo que eu errei, por exemplo, porque antes eu não podia errar. Então, a relação com outro, seja, no trabalho, seja como psicóloga, ou em um outro trabalho secular, ou com família, com familiares, com esposo, amigos, enfim, o social quando eu vou me relacionar com o social, é... não me pesa.

Entrevistadora: É como se as outras formas de viver que você tivesse maior, o que, tolerância?

Colaborador: Isso. Eu acho que sim. Tolerar acho que é muito importante. Em relação a ser tão rígido, porque a rigidez não dá tolerância nenhuma, nada. Sim, sim, eu não preciso necessariamente, eu vou em dado ambiente, não gosto daquele ambiente, vamos dizer que antes dessa descoberta, digamos assim, eu batia o pé e dizia, aqui eu não fico, aqui eu vou embora. Eu perdi aquele momento, né? Hoje, o que eu faço? Peraí, dá pra ficar e eu acabo descobrindo que, que, que, na, naquele ambiente, naquele momento, tem algo pra me dar. E aí eu consigo, assim, nada forçado, muito natural, muito... mais maduro. É isso que eu vejo. Acho que de repente pode ser isso daí, esta... uma maturidade de, de enfrentamento das coisas.

Entrevistadora: E isso se deu assim com essa oficina, com essa atividade que você realizou desse quadro, como num estalo?

Colaborador: Insight. Foi um estalo mudou, foi bem assim, foi meio que mágico o negócio, assim. A partir daí eu não posso falar que foi igual. Seria injusto eu falar que foi igual. Não seria nem correto falar que foi igual. Não foi igual. A partir desta atividade, eu fui embora super pensativa, inclusive a gente... como eu moro em Itu e estudava em Sorocaba, eu pegava carona com outra colega, e eu vim conversando todo o tempo sobre isso no carro, e foi algo bem marcante.

Entrevistadora: Então você conversava fora do espaço da supervisão, com os colegas, com os amigos?

Colaborador: Compartilhava. Foi tão marcante que a gente compartilhava. E tinham algumas colegas que faziam parte da oficina, né? Que a gente estudava literalmente

juntas mesmo, naquele momento, nossa, a gente não queria que terminasse a noite, né? De tanta coisa que a gente conversava. Foi muito bacana. Foi muito positivo pra mim.

Entrevistadora: Então você percebe esse efeito da oficina não só em você, mas você, também, de alguma maneira, testemunhou e reconhece que mobilizou também outras pessoas?

Colaborador: Perfeito. Percebo nitidamente, sem dúvida. É essa a visão que eu tenho. É isso mesmo.

Entrevistadora: E você lembra das atividades culturais que vocês faziam fora, vocês tinham que ir ao cinema, ao teatro, exposição...você lembra disso?

Colaborador: Olha, agora você me pegou. De atividade fora eu só me lembro de um bloco que eu acho que foi , não, se eu for falar em algum lugar que eu fui...não me recordo. Não posso dizer isso, nesse momento, mas uma colega aí pode. Eu não me recordo.

Entrevistadora: Tudo bem. Não tem problema. E além dessa atividade, teve alguma outra atividade que para você foi bem significativa, que você retome?

Colaborador: A representação, né? Teve um exercício, digamos assim, uma atividade, que a gente tinha que ser o outro. Então, assim, a professora vendava os nossos olhos, misturava todo mundo com todo mundo, e todo mundo pegava um no outro, não sabia quem era quem, daí primeiro a gente reconhecia pelo cabelo, se usava óculos, tatilmente, pelo tato a gente reconhecia...pela voz no ouvido, assim, aí você tinha que ser aquela pessoa, né? Então, ah, eu sou assim, assim, parece bobagem, mas foi bem complexo, assim, falar do outro, ser o outro alí, foi... é... não é que foi perigoso, foi uma experiência também bastante forte, porque ser o outro, estar no lugar do outro, a gente tem que tomar alguns cuidados de ferir, alguma coisa assim, mas foi muito legal também. Foi muito bacana.

Entrevistadora: Então quando você representou o outro, você representou com uma certa responsabilidade?

Colaborador: Exatamente. Com uma certa responsabilidade e isso no sentido dos colegas também. Aquele que me representou também. Senti muito.

Entrevistadora: E responsabilidade pra quê? Qual era o cuidado?

Colaborador: Exatamente. Essa responsabilidade é exatamente o cuidado, né? O cuidado de alguém que está próximo, o cuidado de alguém que, que... tinha uma perspectiva ou uma expectativa de aquilo que a gente ia falar, né? Tanto é que assim, nossa! Foi super hilário muitos momentos, porque, né? A própria pessoa mesmo dizia, nossa fulado, nem me toquei nisso, nem me liguei em tal coisa, né? E a gente caía na risada tudo, então foi nesse sentido, de cuidado de não, ah... de não invadir o outro, de ser o outro, mas não invadir o outro, né? Então esse era o cuidado que a gente tinha.

Entrevistadora: Então, foi de não trazer características que você considerava...

Colaborador: Assim, era a característica que a gente considerava, e... e... com esse cuidado de não inventar, ou de não misturar em ser você com um pouco do outro. Tinha que ter esse cuidado. Tinha que ter esse cuidado. Isso foi até solicitado para a gente que foi muito bacana, foi um exercício bem reflexivo, bem de... bastante atenção, foi muito legal, né? Então, você, tem você, o outro é o outro. Meio que uma suspensão de alguma coisa alí, do nosso eu, a suspensão por alguns minutos para enxergar o outro em si mesmo.

Entrevistadora: Quando você fala em suspensão, é uma suspensão do que?

Colaborador: Do meu achismo, do meu pensar, do meu. Não invadir o meu eu com o eu do outro.

Entrevistadora: Você diria que foi um exercício prático de se colocar fenomenologicamente?

Colaborador: Positivo. Se aproximar do outro. Bem isso mesmo.

Entrevistadora: O modo fenomenológico?

Colaborador: Isso, o modo fenomenológico. Exatamente.

Entrevistadora: tá... e você lembra do que falaram de você? Isso que você falou, nossa! não percebia isso? Foi uma coisa que você trouxe do seu colega, ou que um colega trouxe de você?

Colaborador: É de mim, a primeira coisa que falaram foi da voz, né? Que a minha voz não é que é atípica, mas é uma voz forte, né? Grave, tudo, e disseram, aqui é a Milene, já sei. E aí brincaram muito assim, “não pode deixar que eu faço”, eu vejo, etc e tal, então trouxeram características muito minhas assim, que eu falei, meu, para, para de me conhecer desse jeito, mas como resultado eu fiquei muito feliz. Muito feliz porque,

assim, a forma com que me enxergaram, isso é muito importante, isso é um dos sentidos que faz na nossa vida, a gente precisa desse sentido do que o outro pensa da gente, a gente acaba se compondo nesse outro aí, é... eu fiquei feliz, fiquei feliz com a forma que me descreveram, né? Então é bem característico mesmo, eu achei legal porque não teve nada oculto, então eu sou bem eu mesmo, mesmo nas minhas falhas, nos meus erros, aí, apontaram tudo, falaram tudo, então eu falei, é bem isso, legal, é isso aí mesmo. Então, foi muito legal, muito legal pra mim. De eu ser essa, não sei se eu posso chamar isso de autenticidade, mas assim, foi isso que eu senti: *Caracas, eu sou bem autêntica mesmo!* As pessoas lembram de mim desse jeito, né? E achei muito bacana. Muito legal. Mexeu com a auto confiança também.

Entrevistadora: Te deu mais auto confiança?

Colaborador: Me deu mais auto confiança. Foi me mostrando um caminho, beleza, é bem por aí mesmo, foi isso, foi muito legal.

Entrevistadora: Tá. E teve alguém que você comentou que alguém se percebeu diferente. Que a pessoa não se reconhecia?

Colaborador: Exatamente. Foi engraçado que a outra pessoa ela não se, foi uma coisa assim, ó, eu lembro o que que foi, né? Até as características, assim, essa pessoa falou: ai, essa pessoa amarra muito o cabelo”, e tipo essa pessoa nunca amarrava o cabelo. Mas de onde você tirou isso, que a pessoa amarra muito o cabelo? Uma colega e o mais interessante mais ainda que foi um rapaz que falou isso, então, meio que todo mundo deu risada, e disseram: olha, homem realmente não repara, e foi um rapaz que deu essa descrição. E agora você me perguntando isso, engraçadíssimo, e assim, super notório, né? O ver da mulher é diferenciado talvez, foi isso que, claro, que eu estou falando daquela experiência específica, mas deu pra notar isso. E a gente até brincava, nossa, mulher é fera mesmo pra identificar, pra lembrar, né? Falava o que a menina usava, usava brinco sempre, não vinha sem bijou, e não era assim, a garota estava aquele dia por coincidência com o brinco, foi muito rico, rica essa experiência.

Entrevistadora: E daí você trouxe essas experiências, e você lembra daquele momento, em que vocês compartilhavam? Que é um pouco o que você está contando. Você vê algum sentido nesse momento de compartilhar?

Colaborador: Um sentido ímpar inclusive. Um sentido ímpar inclusive! O compartilhar é... parece que é algo fácil compartilhar, mas não é não. Requer aí uma, uma entrega, o compartilhar tem uma entrega muito grande de cada um, então, quando nós

compartilhávamos, e funcionava assim, nós fazíamos a atividade, e a gente compartilhava, mesmo que não desse tempo no dia, a gente compartilhava na outra aula, muito importante, e aí, o que que era percebido, e o que foi percebido. Esse compartilhar, numa das falas, geralmente no final, nós tínhamos uma coisa em comum, o desenvolvimento da turma, né? E o que eu percebi: o desenvolvimento da turma nada mais é do que o crescimento de cada um, o desenvolvimento de cada um. Isso era muito falado. Então, quando a gente compartilhava, a gente conseguia perceber, assim, do primeiro dia ao último dia do, do semestre, mediante atividades, tudo, a gente via esse crescimento, muito interessante, muito legal.

Entrevistadora: Você consegue me descrever o que que é esse caracterizar, o que é esse desenvolvimento do grupo? Porque eu não participei, então, você consegue me dar algumas características do grupo, como é esse grupo e o que que mudou?

Colaborador: Consigo. Uma das coisas era a concordância, como eu posso dizer, a concordância, a professora, ela lançava uma atividade, geralmente lançava duas, né? e aí, não sempre, mas em algumas vezes ela lançava duas, e ela dava para a classe resolver, para a turma, para a turma estar resolvendo, e a gente perdia muito tempo resolvendo isso, na verdade, a gente entrava em uma guerrilha, e hoje eu posso ver, que era uma, uma... certa imaturidade, então a gente estava discutindo algo. e era isso que ela queria da gente. Então, essa discussão, essa reflexão em cima de que atividade nós íamos escolher, perdia-se, a gente viu que se perdia muito tempo e não era esse o foco real, e que no fim a gente percebeu, que, que se a gente chegasse num consenso, que uns iam ficar sem aquele exercício, aquela atividade, eu não queria essa atividade, mas essa pessoa acabava aceitando porque existia um conjunto maior que queria, e aí no final era engraçado que o depoimento era o seguinte: nossa, foi muito legal essa atividade, ainda bem que vocês escolheram, e isso, no início, a gente perdia muito tempo. Isso é um exemplo muito íntimo, mas acho que dá pra clarificar isso, e no final disso tudo, a gente tinha mais, acho, que mais maturidade. Posso dizer a palavra maturidade.

Entrevistadora: Ta. Por que daí essa decisão, vocês paravam de guerrear e essa decisão vinha mais fácil?

Colaborador: Vinha, vinha.

Entrevistadora: E vinha mais fácil por quê?

Colaborador: Vinha... Não é mais fácil, não é grau de dificuldade, ela vinha mais harmoniosa. Mais harmoniosa. Ela vinha mais harmoniosa.

Entrevistadora: E o que fazia isso vir mais harmonioso? O que se deu? Você falou de desenvolvimento, daí você me trouxe um exemplo de que no começo o grupo ficava guerreando e no final decidiam isso de uma maneira mais rápida e mais harmoniosa e todos se beneficiavam.

Colaborador: Isso, isso. E todos se beneficiavam. Exatamente.

Entrevistadora: E você atribui à alguma coisa essa mudança, além da maturidade? O que é maturidade para você, tenta me descrever um pouco o que é maturidade.

Colaborador: Olha, a maturidade eu acredito que seja assim, o envolvimento com o outro, o respeito com o outro, a capacidade de escuta do outro, né? O reconhecimento desse outro, as diferenças desse outro.

Entrevistadora: Então é sair um pouco desse lugar auto centrado, da minha referência?

Colaborador: Perfeito. Exatamente isso.

Entrevistadora: E que é um pouco parecido do que você percebeu de você também...

Colaborador: Risos, mui... Exatamente. Isso, muito mesmo.

Entrevistadora: E que mais? Esse grupo foi se tornando... o que também que você falou? que o compartilhar é muito importante, você consegue... E que vocês começaram a compartilhar a decisão para a atividade. E agora eu estou te perguntando: decidiu a atividade, fizeram a atividade, a atividade é, geralmente, feita individualmente, e eu vou trazer a minha experiência para o grupo, vou expor...

Colaborador: Nossa, você me despertou aqui para uma... que se você perguntar para todos os alunos eles vão dizer a mesma coisa por causa do tamanho da importância....era muito cindido o grupo, era muito separado, nós estávamos já no quinto ano e, e, e... era uma cisão muito nítida, muito grande e assim, pessoas muito diferentes uma das outras e que teve um resultado que até hoje a gente se fala, né? E é incrível, coincidência ou não, mas o grupo de oficinas se fala mais, né? A gente percebe do que os outros que fizeram organizacional ou uma coisa assim.... Só para poder...

Entrevistadora: Ou mesmo a sua turma de hospitalar ou fenomenologia...

Colaborador: Exato, exatamente, exatamente. Então trouxe essa, essa novidade de vida e digamos assim, esse entrosamento um com o outro de uma maneira muito natural, ficou muito legal, ficou muito bacana.

Entrevistadora: E você diz que permanece até hoje?

Colaborador: Permanece até hoje.

Entrevistadora: E, ao que você deve isso? Você acha que era um grupo cindido, que de alguma maneira, é... encontrou um entrosamento?

Colaborador: Sabe o que eu penso? No meu ponto de vista, fica muito claro o seguinte, é, é... sem medo de pecar, eu acho que foi promovido pela oficina de criatividade, até porque, a, a hospitalar, os outros grupos aí, não teve muito disso, né? Houve, houve sim, não dá pra dizer que não, mas de uma proporção muito menor.

Entrevistadora: Disso o que?

Colaborador: Desta união, desta, era cindido e agora algo ficou único. Então, a oficina de criatividade é... promoveu que cada um, cada aluno se visse e visse o outro.

Entrevistadora: Enquanto que na hospitalar e na fenomenologia, você está trazendo pra discussão para apresentar um caso, uma experiência vivida enquanto estagiário, e na oficina, o que vocês compartilhavam eram experiências pessoais.

Colaborador: Exatamente. Exatamente.

Entrevistadora: Então são objetos diferentes?

Colaborador: Isso, isso mesmo.

Entrevistadora: E daí você acha que isso tem algum..., qual é o lugar que esse aprendizado ocupa para você?

Colaborador: Olha, um lugar central. Um lugar de uma importância que eu acho assim, só pelas minhas falas dá pra se basear que é fundamental, fundamental. Essa é a palavra, fundamental. Eu dizer mais palavras além do fundamental, eu vou estar repetindo tudo aquilo que eu acabei de falar.

Entrevistadora: Ta. Para resumir, você consegue me falar algumas coisas?

Colaborador: Sim. Então vamos lá. O que está dentro desse fundamental? A auto percepção, o auto conhecimento, a estima, a maturidade psíquica, o envolvimento com o outro, sem tanta sofrência da coisa, no profissionalismo, eu como atuo como psicóloga vejo a importância disso diariamente, né? na minha escuta pelo outro. É isso.

Entrevistadora: Tá bom. Quer falar alguma coisa?...

Colaborador: Eu gostaria de dizer que é muito bom estar aqui dando esse depoimento.

Entrevistadora: Que bom! Tá bom. Acho que é isso.